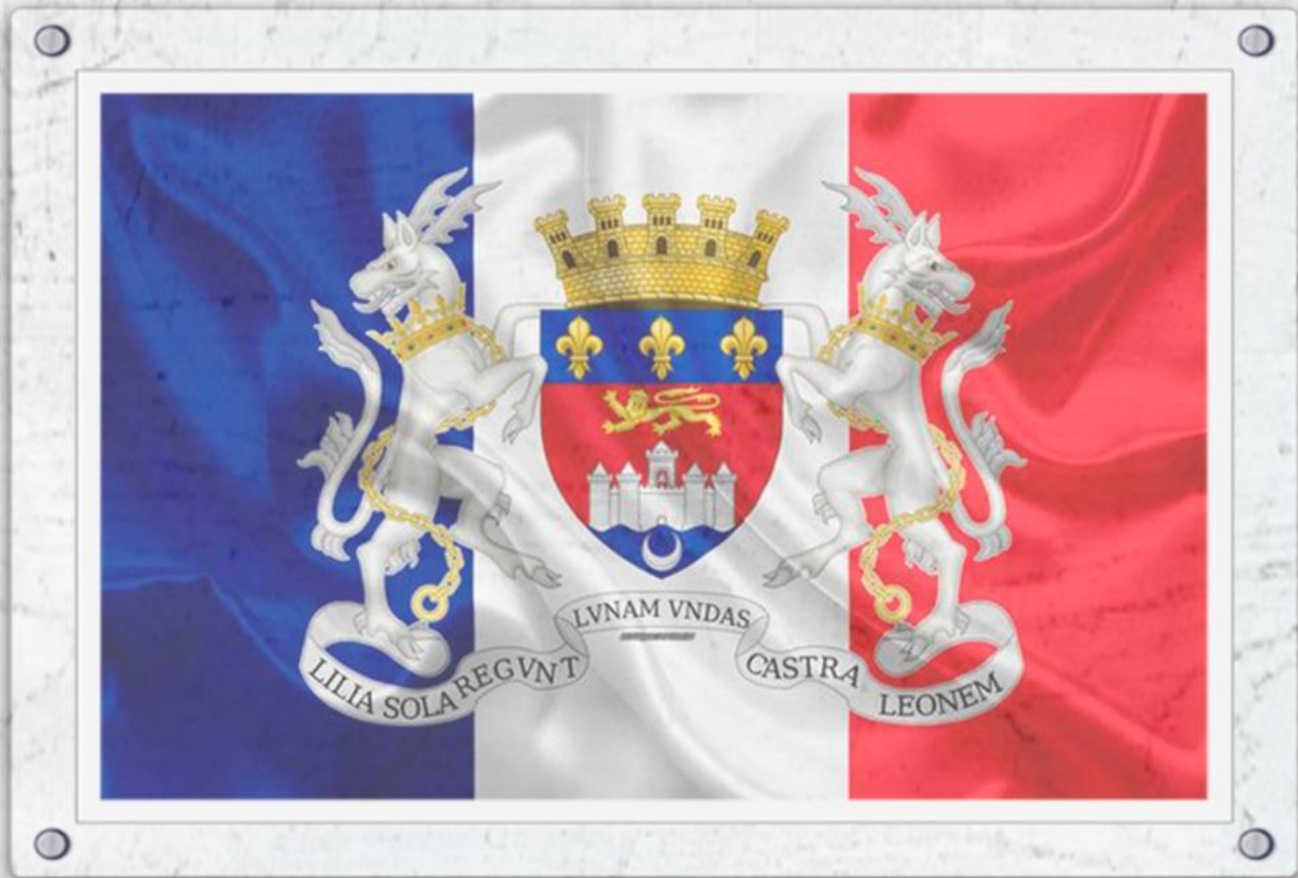


Armand Greslez

Oficial da Administração Aposentado

CARTA AOS SENHORES DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS

Extrato da União Espírita Bordolesa
nº 34, nº 35, nº 36



Bordeaux - 1866

Carta aos Senhores Diretores e Redatores dos Jornais Antiespíritas

Armand Greslez (1805 - 1886)

Título original em francês:

Lettres à MM. les directeurs et à MM. les rédacteurs des journaux anti-spirites

Extraído da revista *A Union Spirite Bordelaise*

Edições de número 34, 35 e 36 ([ebook](#))

Bordeaux, França, 1866

Tradução: Guilherme Padilha Leite

Prefácio: Wilson Garcia

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2023

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos

Blog Wilson Garcia



expediente-on-line
blog do WGarcia

ARMAND GRESLEZ

Oficial da Administração aposentado

CARTA AOS SENHORES DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS

EXTRATO DE *A UNIÃO ESPÍRITA BORDALESA*

Nº 34, Nº 35, Nº 36

Aquele que não crê senão na matéria, não deve atribuir a si mesmo o monopólio da verdade científica, e relegar ao país das fantasias aquele que crê no Espírito.

(Paul Janet)

E vós ousais nos dizer, como se soubésseis, o que permitem ou não as leis desse mundo, enquanto, a cada instante, fatos novos e inesperados, constatados por vós próprios, confundem vossos cálculos, frustram vossas previsões e derrogam as leis que mantíndeis até então como absolutas e eternas.

(L. Viet)

Nós vimos o maravilhoso de ontem produzir a ciência de hoje... ataquemos o Espiritismo pelas armas leais da discussão.

(Louis Jourdan)

É tempo de lançar luz sobre esses fatos; estigmatizá-los, caso escondam alguma fraude; pelo contrário, se forem verdadeiros, permitam que sejam divulgados e estudados de perto.

(Flamel)

BORDEAUX

1866

L'UNION SPIRITE

BORDELAISE

REVUE DE L'ENSEIGNEMENT DES ESPRITS

Publiée sous la direction de

M. AUGUSTE BEZ



Dieu est Esprit, et il faut que ceux qui
l'adorent, l'adorent en Esprit et en vérité.

(Evang. selon S. Jean, c. iv, v. 24.)

PREMIÈRE ANNÉE — TOME III

BORDEAUX

BUREAUX : 19, RUE DU PALAIS DE L'OMBRIÈRE

Revista *A União Espírita Bordolesa*

[\(ebook\)](#)

Sumário

Biografia: **Armand Greslez** — pág. 06

Prefácio — pág. 08

Preâmbulo — pág. 10

Capítulo I. — pág. 11

Capítulo II. ***O Espiritismo*** — pág. 14

Capítulo III. — pág. 21

Capítulo IV. — pág. 26

Capítulo V. — pág. 29

Capítulo VI. — pág. 31

Capítulo VII. — pág. 36

Capítulo VIII. — pág. 39

Capítulo IX. ***Os espíritas*** — pág. 42

Capítulo X. — pág. 47

Capítulo XI. — pág. 50

ADENDO — ***As vantagens da tiptologia***, por A. Greslez — pág. 54

Biografia

ARMAND GRESLEZ

(1805 - 1886)

Le Progrès de Sétif relata que, em 31 de dezembro de 1886, um velho setifiano morreu aos 79 anos: Sr. Armand Greslez, contabilista reformado, proprietário em Sétif (Argélia).

Editor-chefe do *Journal de Sétif*, mas também tem diversas crônicas publicadas no *Le Courrier de Sétif*.

Esteve integrado aos quadros do Espiritismo no período de Allan Kardec escrevendo diversos artigos na *Revista Espírita*.

Kardec publica na *Revista Espírita*¹ de abril de 1866 a obra publicada por A. Greslez e tece diversos comentários:

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS,
por A. Greslez, oficial de administração aposentado. Broch. in — 8.0; pr. 50 c.
Paris, Bordeaux.

Esta carta, ou melhor, estas cartas datadas de Sétif, Argélia, foram publicadas pela *Union Spirite Bordelaise*, em seus números 34, 35 e 36. É uma exposição clara e sucinta dos princípios da doutrina, em resposta às diatribes de certos jornalistas, cujas falsas e injustas apreciações o autor releva com conveniência. Ele não se gaba de convertê-los, certamente, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras baratas, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo, e de mostrar que por toda a parte ele encontra defensores sérios, que não necessitam senão do raciocínio para combater os seus adversários.

Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Greslez e felicitações a União Espírita Bordolesa por haver tomado a iniciativa desta publicação.

¹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=81>.

O Sr. Armand Greslez, de Sétif (Argélia), é bem conhecido da imprensa espírita e dos seus leitores, porque colaborou com ela em quase toda a parte (pelo menos durante trinta anos) na divulgação do Espiritismo.

A União Espírita Francesa, em 1888, foi presenteada com um pequeno volume intitulado *Souvenirs d'un spirite (Memórias de um espírita)* que foi comentado no jornal *Le Spiritisme (O Espiritismo)* por Gabriel Delanne (3):

A ciência das reencarnações, para usar sua expressão, é uma das melhores passagens deste interessante volume por mais de um motivo.

Não podemos deixar de homenagear a devoção desse irmão de fé, que por tanto tempo lutou contra todas as adversidades, e até sofreu para fazer triunfar nossa doutrina.

Durante toda sua existência, o Sr. Greslez jamais negou as suas convicções de espírita. Sua morte foi o coroamento, porque ele queria ser enterrado de acordo com as crenças espíritas.

Antes de morrer, deu à família, e por testamento, a forma como pretendia ser sepultado: *“Gostaria, disse ele, que meu caixão fosse coberto com um lençol verde, símbolo de esperança; que minha família se regozije e não tenha dívidas, pois a morte é, na realidade, apenas a entrada na vida espiritual; que meu corpo seja seguido até o cemitério por apenas uma pessoa.”*

Com efeito, o funeral do nosso concidadão foi feito de acordo com os seus últimos desejos. Só seu filho compareceu, o Sr. Greslez há muito colabora com os jornais locais e sua vida sempre foi a de um homem honesto.

Armand Greslez foi um grande personagem, um bom, fiel e leal servidor do Espiritismo; que seu nome viva em nossa memória.

Sede da **União Espírita Bordolesa**, em 1865, na Rue du Palais de l'Ombrière, nº 19, em Bordeaux, França



Prefácio

Estamos em pleno século XXI, ano de 2023. Estamos, portanto, há mais de 150 anos dos fatos que foram relatados pelo autor do presente opúsculo, nas cartas que endereçou aos jornalistas anti-espíritas em 1866, nas quais mostra toda sua indignação pela forma como eles, homens da imprensa, combatiam os espíritas e a doutrina de Allan Kardec.

À distância dos acontecimentos de então, como se sabe com profusão, o tempo mostra suas marcas sobre a realidade, indicadas por avanços científicos e tecnológicos extraordinários. Daquela época – quando reinava uma imprensa feita na velha técnica de Gutenberg e seus tipos móveis e impressoras manuais, extraordinários, mas tremendamente lentos, aliada a uma linguagem que privilegiava as matérias de opinião e tinha por jornalistas escritores, editores, políticos etc. – daquela época, repito, aos dias de hoje temos uma imprensa com as profundas marcas do digital, das redes sociais e da difusão de notícias em tempo real.

Pergunta-se, porém: em termos éticos, as histórias contadas hoje, bem assim as opiniões veiculadas pela imprensa, com todas as salvaguardas que o direito concebe à liberdade de opinião e ao anonimato das fontes, estão todos adiante daquele passado acima referido? Qualquer indivíduo minimamente informado saberá que a resposta é um sonoro não. Nem a tecnologia, nem mesmo a filosofia e sequer o bom-senso, com todos os seus avanços, podem assegurar que as abordagens jornalísticas do presente momento histórico, em relação ao espiritismo, em particular, bem como aos temas gerais, guardam absoluto e elogiável afinamento ético, à frente, portanto, daqueles tempos. Se tal não ocorre generalizadamente em relação a todos os espaços públicos e privados por onde as notícias hoje escoam, dá-se, indiscutivelmente, em boa parte desses espaços, de forma tal que a sociedade mundial se bate ainda contra a mentira, categorizada pela expressão popular *fake news*.

À época de Kardec e do autor deste livro, Armand Greslez, já próximo do domínio tecnologia da produção da energia elétrica e da invenção das máquinas

impressoras velozes, que revolucionariam a imprensa e a popularizariam, abrindo-se assim para uma comunicação de massa, houve, a par da aceitação do espiritismo por uma considerável parte dos estudiosos do espiritualismo, um notório combate às suas ideias e informações pela imprensa conservadora, que não se pejava de publicar matérias mal intencionadas e inverídicas. Daí a importância de publicações como esta, cuja atuação levaram certo equilíbrio às forças em litígio.

Armand Greslez atirou-se, com grande e admirável condição, à luta amparado por argumentos sólidos e baseados, ora nos fatos científicos, ora no bom senso, como se pode ler ao longo deste documento, a exemplo do que segue: “Se a ciência da matéria já atingiu um patamar impressionante, de que não se suspeitava há meio século, convenhamos, Senhores, que o mesmo não se passa com a ciência do espírito ou da alma. Deve-se por tal razão negar a possibilidade de isso acontecer? Guardai-vos dessa natural presunção do homem, o qual, em todos os tempos, rejeitou descobertas úteis, e tornou tão doloroso o nascimento de mais de um progresso”.

Para Greslez, o espiritismo “é uma coisa por si só maior do que o conjunto de coisas produzidas pelos Homens desde tempos imemoriais”, denotando, assim, sua compreensão dos novos postulados que Allan Kardec houvera dado à luz desde *o Livro dos Espíritos*, publicado, então, em 1857.

Nunca é demais, portanto, visitar essas lutas que os pioneiros do espiritismo travaram nos tempos iniciais da doutrina, se não pelo conhecimento em si daqueles fatos, pelo prazer mesmo de aurir novas disposições para prosseguir lutando pela justiça, pelo bem e pelo belo.

Wilson Garcia

São Paulo, outubro de 2023

Preâmbulo

Os vários pedidos que nos foram feitos desde a publicação, no *União Espírita Bordalesa*, da **Carta aos Senhores Diretores e Redatores dos jornais antiespíritas**, nos motivaram a publicá-la novamente sob a forma de brochura.

Também temos o direito de gritar como todo mundo: “*É hora de a luz brilhar!*” e temos também o direito de trabalhar com todas as nossas forças para dispersar as trevas que a impedem de brilhar por toda parte.

Que os nossos adversários da imprensa possam finalmente compreender como a tática que eles seguiram até hoje no exame da questão espírita está radicalmente contrária, não somente a todo princípio de liberalismo, mas sobretudo ao mais simples bom senso; que esse pequeno opúsculo possa ajudá-los a analisar sob o seu verdadeiro ponto de vista um dos eventos mais significativos do século XIX!

Auguste Bez

Diretor da revista *L'Union Spirite Bordelaise*

Capítulo I

Senhores,

Eu ficaria feliz se, na explicação que desejo produzir, vós queirais, como eu mesmo o fiz, inspirar-vos dos pensamentos que animaram os honoráveis escritores que acabo de citar sob a forma de epígrafe. Ali estão princípios gerais que podemos tomar em comum, pois eles emanam de Homens justamente estimados e bem colocados no vosso mundo literário.

Será difícil de nos entendermos se não tiverdes ao menos um pouco de indulgência por aqueles que acreditam que nem tudo é matéria na natureza; que a inteligência e o espírito existem; que é este quem move e dirige a matéria, como acreditavam nossos velhos pais ao dizerem:

“Mens agitat molem”?²

Se a ciência da matéria já atingiu um patamar impressionante, de que não se suspeitava há meio século, convenhamos, Senhores, que o mesmo não se passa com a ciência do espírito ou da alma. Deve-se por tal razão negar a possibilidade disso acontecer? Guardai-vos dessa natural presunção do homem, o qual, em todos os tempos, rejeitou descobertas úteis, e tornou tão doloroso o nascimento de mais de um progresso. É que, a cada época, acreditava-se estar no apogeu da ciência, e, no entanto, a ciência se elevou ainda mais desde então. Por que hoje desejaríeis pará-la em seu movimento ascendente?

Por estas novas ciências que persistimos em negar e abusar, sem poder dar uma única razão plausível para tal perseguição, venho, Senhores, apresentar-vos a psicologia que, ampliando seu domínio, teve que tomar o nome de Espiritismo. Se pudésseis ver o maravilhoso de ontem tornar-se a ciência de hoje, em respeito à boa lógica, admiti também que o maravilhoso de hoje pode muito bem ser a ciência de amanhã. Um pouco menos de prevenção, por favor, Senhores, contra os infelizes anacronismos que se encontram um dia à frente do mostrador das luzes do século.

² Expressão latina que significa “o espírito move a massa (matéria)”; ou “a inteligência domina as forças físicas”. Fonte: <https://dicionariodelatim.com.br/mens-agitat-molem>. — N. T. (Nota do Tradutor)

O Sr. Louis Jourdan tem a gentileza de nos conceder uma discussão justa: agradecemos-lhe ainda mais sinceramente porque estamos pouco acostumados a tais procedimentos vindos da parte dos senhores escritores da grande imprensa. Para que a discussão seja justa, é necessário que as armas sejam iguais, e nossas respectivas armas definitivamente não se parecem. De um lado a força dos números, do talento para escrever, do crédito na opinião pública, do dinheiro e de uma infinidade de recursos, mas a mais completa ignorância em relação ao assunto em discussão; do outro lado, ausência de quase todas essas vantagens, mas conhecimento aprofundado da matéria, porque se deu ao trabalho de estudá-la seriamente, antes de empreender a luta contra os preconceitos, tanto mais obstinados quanto aqueles que deles estão imbuídos, os quais têm a pretensão de ser os únicos detentores da ciência, os únicos que disseminam a luz.

Os espíritas encontram-se, perante seus adversários, na posição de marinheiros que teriam de discutir sobre seu ofício com estudiosos de terra firme, que, negando a existência do mar, pretendem fazer dessa negação a base de todos os raciocínios a serem produzidos.

Vós vos dizeis marinheiros, então sois impostores. Não podeis ser outra coisa, já que o mar não existe; a nossa própria ciência, a esclarecida, a infalível, há muito nos demonstrou que o mar era uma impossibilidade, que só os enganadores podem afirmar tal mentira e os tolos acreditarem nela.

Esse raciocínio seria menos extravagante, menos absurdo que o dos antiespíritas, pois é menos fácil, em Paris e em todo o interior da França, certificar-se da existência do mar do que da realidade das manifestações dos Espíritos.

Por gentileza, Senhores, deixai de lado por algum tempo vossos preconceitos, vossa confiança em vossa superioridade científica e intelectual; suspendei vosso julgamento; não nos condeneis antes de ter examinado mais de uma vez, escrupulosamente, todas as partes do processo. A questão é séria, muito séria, eu vos garanto, mesmo segundo vossas próprias opiniões que fazem do Espiritismo um flagelo, uma praga social. Nesse caso, trouxe vossos remédios; mas antes de tudo, estudai o mal em todas as suas causas e em todos os seus efeitos.

"É hora de a luz brilhar".

Essa opinião, oriunda de vossas fileiras, a saudamos com reconhecimento. A luz! É exatamente isso que clamamos, o que nos esforçamos para produzir com um zelo infatigável, enfrentando o desdém e o desprezo da multidão. Não

esperávamos outra coisa, acreditai; mas estávamos conscientes de cumprir um grande dever. Já que acreditais que estamos errados, dignai-vos a nos esclarecer. Asseguro-vos que encontrareis nos espíritas ouvintes atentos às vossas lições, os quais ponderarão cuidadosamente todas as vossas razões, se estiverdes dispostos a dar algumas e caso sejam dignas de serem escutadas. Se o Espiritismo não é uma coisa sublime, então é uma coisa prejudicial, e não causaria outro mal senão tirar-nos o tempo e exigir-nos sacrifícios de todo tipo, que seriam melhor empregados em outro lugar. Tereis prestado um brilhante serviço não somente aos espíritas atuais, já bastante numerosos, mas à sociedade como um todo, se, por vossos sábios estudos, repelirdes este flagelo que ameaça invadi-la.

Enquanto esperamos que nos conceda o benefício de um envio completo, por meio de trabalhos sérios que nós, espíritas, somos os primeiros a solicitar, permiti-me, Senhores, dizer-vos o que creio ser a verdade, partilhar convosco o resultado de minhas experiências e meus estudos conscienciosos. Tentarei explicar-vos, o mais brevemente possível, o que é o Espiritismo e o que são os espíritas, desafiando todos vós a provar que minhas afirmações são falsas, e comprometendo-me a vos provar que são verdadeiras, mas com a condição de que dareis o trabalho de recolher as provas onde elas estão, porque é impossível para mim trazê-las às vossas casas.

Capítulo II

O Espiritismo

O Espiritismo não poderia ser definido por uma única palavra, pois trata-se de uma coisa excessivamente complexa. É, ao mesmo tempo, uma ciência, um ofício, uma obra, uma instituição, uma doutrina, uma religião, um advento, uma cruzada, uma revolução, um cataclismo intelectual, científico, moral e religioso. É uma coisa por si só maior do que o conjunto de coisas produzidas pelos Homens desde tempos imemoriais. Essa coisa tão maravilhosa, essa benção imensa, está sendo muito mal acolhida pelos Homens, como o fizeram até agora em relação a todas as grandes descobertas, a todas as bênçãos do Criador.

A ciência espírita é uma ciência de boa qualidade, uma ciência incontestável, uma ciência perfeitamente condicionada, tão verdadeira, tão real, tão positiva, tão exata quanto a maior parte das ciências experimentais já adquiridas pelo mundo do saber. Essa ciência permite constatar forças materiais que podem ser medidas com precisão usando um dinamômetro. Portanto, não é preciso mais esforço de credulidade para acreditar no Espiritismo do que para acreditar na Física, na Química, na Astronomia, na Geologia, na Fotografia, na Telegrafia elétrica.

Não vos trazemos apenas ideias e novos conhecimentos, mas fatos visíveis e palpáveis. Ouvis isto? Fatos!

Quanto a vós, Senhores, é apenas com vossas ideias, tão somente com a vossa imaginação, que lutais contra nós.

Como todas as outras ciências, sobretudo em seus primeiros estágios, a ciência espírita deve necessariamente ter suas imperfeições, suas lacunas, seus erros de detalhe, que dizem respeito mais às pessoas do que às coisas e à fonte. É que tudo o que passa pelo crivo humano, mesmo emanando de Deus, carrega consigo a marca da falibilidade inerente à nossa pobre natureza. Devemos por isso afastar tudo e permanecermos parados? Não, não. Mil vezes, não.

Avancemos com cautela, porém avancemos. Tal é o nosso destino, ou melhor, tal é o desejo da Providência. A maioria das ciências materiais fizeram enormes progressos, particularmente nos últimos cinquenta anos. É tempo de avançar na ordem das ciências semimateriais e das ciências imateriais.

Semimateriais! Isso vos impressiona, Senhores. Por favor, procurai compreender que o Espírito precisa de um órgão para agir sobre a matéria; sem esta ligação, sem este meio de transição do imaterial ao material, nenhum fenômeno da vida animal seria produzido; vosso Espírito poderia pensar e querer, mas vossos órgãos ativos e materiais não obedeceriam. A ciência desse intermediário indispensável é que chamo de semimaterial. Os espíritas chamam-na de psicologia, porque a semimatéria em questão é afetada e está indivisivelmente ligada à alma, e que é imperecível como esta.

Essa semimatéria pode e deve modificar-se, mas conserva seu princípio e suas faculdades, faculdades restritas e apagadas durante a vida material, cujas forças são retomadas após o desprendimento, isto é, na vida imaterial, vida de ação e de individualidade tal qual a nossa.

O grande infortúnio da ciência espírita é de não ter sido de forma alguma estudada por aqueles que a criticam, pois é impossível que uma pessoa minimamente sensata e inteligente tenha contato com ela e não seja imediatamente atingida por grandes e úteis verdades que ela oferece; que não vislumbre o imenso horizonte que se abre aos conhecimentos humanos. A reputação dessa ciência igualmente sofreu devido à ignorância e inabilidade de alguns dos que se ocupam dela, e que produziram apenas resultados insignificantes ou negativos. É exatamente como se se julgasse a sublime arte da pintura a partir de algumas telas manchadas de uma maneira detestável. Há tolos que não podem operar com números sem se enganar: daí poder-se-ia deduzir igualmente que a aritmética é uma mania de cálculos falsos e não uma ciência exata.

A ciência espírita pode dividir-se em duas partes: a parte material e a parte imaterial ou espiritual. A primeira consiste na ciência dos efeitos materiais produzidos através da semimatéria, a qual chamarei de *fluido físico*. Tais efeitos e fenômenos atingem nossos sentidos; todos podem vê-los, ouvi-los e tocá-los. Variam ao infinito, e subvertem todas as nossas ideias a respeito das leis que regem a matéria. Assim podeis ver, escutar ou apalpar, podendo ou rejeitar o testemunho de vossos sentidos ou buscar a causa dos efeitos constatados no domínio das hipóteses as mais arriscadas, por vezes as mais absurdas.

Até agora os fenômenos da natureza puderam dividir-se em duas classes: aqueles que se produzem sem o concurso do homem ou de qualquer outro ser vivo, como a água que flui, o vento que sopra, a folha que cai, e aqueles nos quais esse concurso é necessário, seja pelo uso direto dos membros, seja pelo emprego de ferramentas ou máquinas. Eis agora uma nova ordem de fatos e fenômenos que se oferece aos nossos estudos: as duas condições de que acabamos de falar não são mais suficientes; um terceiro poder foi descoberto... Ingratos! Insensatos! Ao invés de bendizer a Deus, blasfemam-no ao negar suas dádivas! Por mais que fecheis os olhos e tapais os ouvidos, será preciso ceder à evidência, à realidade inevitável. Esse terceiro poder é também uma força material, porém dirigida por uma vontade e por uma inteligência estranhas ao homem vivo.

Antes de ir mais longe, poderíeis talvez me perguntar: de que forma isso pode nos ser útil? Apegamo-nos ao interesse material, ao positivo, a alguma coisa que possa ser mensurada em dinheiro e não temos tempo a perder com uma ciência de pura curiosidade.

A ciência espírita prestará importantes serviços materiais quando for mais bem conhecida e mais difundida. Ela é chamada a trazer modificações, melhoras sensíveis na maioria das ciências e das artes que vos interessam. Tudo isso é apenas o acessório, mas um acessório que vós apreciaríeis mais facilmente do que o objeto principal. Citarei alguns exemplos tirados de uma multidão incontável de fatos de diferentes tipos.

Os Senhores se interessam pela História: a do passado deve conter muitas lacunas, muitos mistérios e muitos erros se a julgais pelo que está hoje escrito sobre os Homens e as coisas que conheceis a fundo. A ciência espírita pode trazer uma grande luz no meio de todas essas trevas. Tal antigo personagem nos é querido, e lamentamos não ter como representar seus traços senão por quadros pintados pela imaginação, quando há quadros. A ciência espírita vos fornecerá os meios de os pintarem a partir da natureza.

Frequentemente ocorre que os médicos tenham necessidade de sondar uma ferida. Essa operação é dolorosa e algumas vezes perigosa para o paciente. Faz-se vir a grande custo sábios doutores, cirurgiões renomados: todas essas despesas podem ser poupadas e as feridas ser curadas sem dor se se recorrer à ciência espírita, uma vez que os médicos e cirurgiões do outro mundo não precisam de sonda para ver o fundo de uma ferida ou a natureza de uma lesão qualquer. Ao mesmo tempo, eles são de um desinteresse absoluto e se julgam devidamente remunerados pelo prazer de servir a seus semelhantes.

Quantas quantias não foram gastas, quantos perigos não se correu para ter algumas notícias do Capitão Franklin! Como tudo isso poderia ser facilmente resolvido e com mais sucesso pela prática do Espiritismo!

A Astronomia é uma bela ciência, e sua utilidade é notável do ponto de vista da moral e do progresso social da humanidade. O Espiritismo deve transformar essa ciência, dando-lhe um caráter filosófico e moral do mais alto alcance: quando tivermos estudado a história das humanidades mais avançadas que a nossa, seremos utilmente esclarecidos na marcha que temos a seguir, nos progressos que podemos esperar.

Todos esses benefícios não podem ser obtidos sem trabalho. A cada vez que darmos importância a uma questão, será necessário multiplicar as provas com diferentes instrumentos. A ciência espírita ainda está em seu berço: não devemos nos surpreender, nem desencorajar e nem a condenar por sua marcha ser ainda oscilante ou pelos resultados obtidos ainda serem incertos. Tem sido assim no princípio de várias ciências, que hoje estão bem avançadas.

O que acabo de dizer, aliás, não pode vos dar senão uma ideia muito incompleta das imensas vantagens que promete o Espiritismo, tanto mais que, no temor de não ser compreendido, deixei de lado o que é mais interessante. Se realmente desejais, Senhores, tentarei ensinar a primeira letra do alfabeto dessa ciência tão complicada. Eis o fenômeno mais simples, o mais vulgar, o qual podeis senão produzi-lo vós mesmos, ao menos ver produzido por algum de vossos parentes, amigos ou conhecidos.

Uma mesa é colocada dentro de um apartamento. Uma pessoa, pouco importa a idade ou o sexo, que se encontra talvez pela primeira vez na presença do móvel e dos assistentes, os quais ela não conhece, coloca levemente suas mãos sob o centro da referida mesa. Certificai-vos bem de que não há amarras, que não há outro ato material senão essa imposição inofensiva das duas mãos. Com a posição tomada e examinada bem de perto, para fazer mover a mesa seria necessário não somente uma forte pressão, mas também um esforço de propulsão ou atração, que não poderia ser produzido sem uma certa tensão de músculos, o que um olho experimentado descobriria de imediato. Seria preciso admitir de antemão que o executor está de má fé, que ele mentiu descaradamente ao dizer que coloca toda a sua atenção em não fazer mover a mesa por um movimento involuntário. Entretanto, eis que a mesa se eleva zombando das leis da gravidade e da inércia da matéria.

Se as coisas permanecessem assim, poderíeis atribuir a esta ou àquela força física já conhecida. Mas sois convidados a elaborar perguntas, seja

mentalmente, seja em uma língua que somente vós conheceis. Fixa-se os sinais de convenção por esta ou aquela resposta, e eis que a mesa prova que ela vos entende perfeitamente. Digo a mesa, porque é só o que observai e é ela quem deve responder, não somente a todos, mas acerca de tudo. Pedi-lhe, sempre com o mesmo sigilo, para executar este ou aquele movimento, e ela obedece com uma graça charmosa. Perguntai-lhe se ela pode ser este ou aquele personagem histórico, este ou aquele de vossos parentes ou amigos falecidos: se responde afirmativamente, é provável que não falhará em seu papel, quaisquer que sejam as perguntas feitas por vós, no domínio das coisas discretas, é bom destacar. Ela vos ensinará coisas que ignorais completamente, e cuja exatidão podeis, em seguida, verificar e reconhecer a exatidão.

Para produzir tais fenômenos, há certas condições a preencher, mas a dificuldade não é tão grande. No meio de uma dezena de pessoas tomadas ao acaso, é raro que não tenha pelo menos uma com a aptidão requerida para experiências dessa natureza. Há, inclusive, um estudo a ser feito para aproveitar essa faculdade. Tudo o que é fácil não seria considerado como maravilhoso. Os senhores dirão: por que não se descobriu isso antes? Porque é uma coisa muito simples e muito útil. Foi por isso que a hidroscoopia³ permaneceu muito atrás da Astronomia. Além disso, a descoberta das manifestações espíritas é muito antiga, apenas não tínhamos sido capazes, até agora, de prosseguir com sua aplicação.

Todos os médiuns de efeitos físicos vos dirão, e seria absurdo supor que eles concordam com a mesma mentira. Eles vos dirão que são instrumentos passivos do ponto de vista material; que não fazem outra coisa a não ser pedir o auxílio deste ou daquele Espírito, ainda que este papel seja frequentemente preenchido por uma terceira pessoa. Vós perguntaríeis: para que serve essa imposição de mãos? Por esse ato, o médium impregna o móvel com eflúvios vitais; o Espírito, quando chega, utiliza esta semimatéria através de uma combinação fluídica, como temos combinações químicas: o médium sozinho nada pode fazer; da mesma forma ocorre com o Espírito, que, por sua vez, desempenha o papel principal, qual seja, o do engenheiro em relação ao operário. Todos os dois, tendo reunido suas maneiras, animaram momentaneamente a mesa, que se move como um animal vivo. Uma pessoa dotada de um tato apurado pode senti-la pulsar levemente, e isso sem ilusão, sem imaginação, sem erro dos sentidos, pois o fato tornou-se material e

³ A hidroscoopia, então aceita por muitos, é a faculdade *psi*, que exige do indivíduo mobilização de certa energia psíquica para se fazer atuar, energia esta motivada pela movimentação da vareta na procura de lençóis de água subterrâneos. — N. T.

positivo.

Os Senhores vão me dizer: por que não fazer tais demonstrações em público? Primeiramente, é necessário que o fenômeno seja visto bem de perto; e, além disso, há pessoas em face das quais os Espíritos não querem se manifestar.

O que prova que somente os vivos, sozinhos, são impotentes para produzir esses fenômenos, é que lhes sucede às vezes de eles permanecem em afronta, e isso para grande desgosto deles. Não creiais que isso seja um capricho da parte dos senhores Espíritos. Quando lhes interrogais a esse respeito, sempre têm sábias razões a vos dar; vos demonstram como uma conduta diferente da deles teria um resultado lamentável. Certa vez perguntei a um Espírito: por que exigis a obscuridade ou a interposição de um corpo opaco para a produção de certos fenômenos? Desse modo fazeis os incrédulos acreditarem que há prestidigitação, ou necessidade de esconder os fios. “Se nós agíssemos de outro modo, o Espiritismo se tornaria um fruto maduro antes da colheita, e Deus não o quer assim. Vós fostes prevenidos com antecedência de que seriam ridicularizados pelos cépticos. Do que estais reclamando?”

A parte espiritual da ciência espírita, da qual uma parte é a ciência das causas, enquanto a outra é a dos efeitos, oferece mais interesse do que esta última, porque fala ao nosso coração e à nossa alma, aos nossos sentimentos e à nossa inteligência. Ela estabelece princípios, regras, verdades comprovadas sobre a perfeita concordância de várias revelações obtidas em diversos lugares por pessoas desconhecidas entre si.

Para admitir-se uma verdade em matéria de ciência espírita, é necessário muito mais prudência e exigência do que em outra ciência. Há questões que, desde muitos anos, permanecem no estado de investigação em aberto, e sobre as quais os mais esclarecidos ainda não ousam se pronunciar, achando insuficientes os ensinamentos ou as provas obtidas. É preciso reconhecer que a verdade é só uma, ao passo que o erro varia no conteúdo e na forma. Se um consenso entre os mais entendidos não prova peremptoriamente a verdade de um fato ou de um princípio, deveis ao menos encontrar nisso uma presunção favorável a esta verdade, e em qualquer caso, não há razão para rejeitá-la como sendo um erro manifesto.

A parte espiritual ou imaterial da ciência espírita interessa a todos os Homens em geral, ensinando-lhes a conhecer uma força bem real que age em menor ou maior grau, para o bem ou para o mal, sobre os pensamentos e ações de cada um de nós. Esclarecidos sob esse ponto, podemos buscar o bem e evitar

o mal. Quando dizem esta frase banal: “Eu fui bem ou mal inspirado”, não suspeitais o quanto estais certos. A inspiração é um fenômeno puramente imaterial; conseqüentemente, é preciso uma observação bem minuciosa e bem atenta para perceber isso. O Espírito que vem nos inspirar se insinua no nosso pensamento, ao invés de entrar nele à força. Uma vez terminado o ato, há fusão de dois seres pensantes, e torna-se impossível, ao mais hábil de todos, distinguir o que lhe é próprio daquilo que é do Espírito. Muitas vezes há disputas, e é o mais forte quem vence. A ciência espírita nos ensina a combater de maneira vantajosa as más inspirações.

O mundo dos Espíritos é um mundo na quais todos vamos inevitavelmente morar. Há uma imensa vantagem em conhecê-lo, em criar nesse mundo amigos e protetores, em uma palavra, em se preparar com antecedência para a melhor posição social possível ou menos ruim. Bem cego e bem insensato aquele que recusa a escutar tal conselho; um dia se arrependerá amargamente. Ao menos se esse conselho fosse difícil de seguir, se tivesse alguma coisa arriscada para fazer; na verdade é apenas uma questão de estudar uma ciência atraente, e de cumprir os deveres que ela ensina, deveres estes que não têm, definitivamente, nada de penoso.

O mundo que a ciência espírita nos revela e nos faz conhecer possui muito mais habitantes que o nosso. Todos esses moradores são irmãos nossos diante de Deus. A maioria dentre nós pode aí encontrar parentes e amigos. Pode-se aumentar o número destes últimos por uma troca de pequenos serviços e de boas ações. Não se trata de algo bárbaro querer manter essa rigorosa quarentena entre pessoas feitas para se entenderem, se amarem, se ajudarem, apesar de, ou melhor, por não viverem da mesma maneira?

O mundo invisível tem suas leis, suas maneiras, seus hábitos, suas condições de vida que não são como as nossas. A ciência que desvenda esse mundo é uma ciência muito vasta; é toda uma enciclopédia de conhecimentos novos; é um imenso horizonte aberto às especulações do sábio, do filósofo, do moralista e do pensador; é também um campo fecundo onde o homem prático e positivo pode colher abundantemente. Porque tudo se liga, tudo se encaixa na natureza: a luz espiritual se transforma em pensamento, o pensamento em vontade e a vontade em ação material.

Capítulo III

Eu disse que o Espiritismo é uma arte, à falta de outra palavra apropriada para externar meu pensamento. Quis dizer aqui por arte o conjunto de aptidões e qualidades necessárias para se ocupar do Espiritismo com êxito. Assim como nas artes propriamente ditas, as aptidões e qualidades devem desenvolver-se pela prática. No Espiritismo, como nas artes, há os experientes, os aceitáveis, os medíocres e os ruins. Essa diversidade de aptidões está na ordem das coisas e tem sua vantagem; não há mal a não ser quando o homem inferior finge ser outra coisa. Em Espiritismo como em todas as outras coisas, cada um pode ser útil aos outros, se souber manter-se em seu lugar e cumprir o papel que lhe foi atribuído por suas funções. Em matéria de Espiritismo é necessário um saber-fazer tomado no bom sentido. Trata-se da inteligência, do manuseio das relações entre as causas e os efeitos; é, enfim, a arte nobre e grande, que pode se elevar até o sublime.

Quando falamos de uma arte, julgamo-la segundo os medíocres que a cultivam? Não, não é mesmo? Porque a palavra *arte*, por si só, não implica outra coisa senão algo grandioso, eu diria mesmo divino, que conduz à imaginação e ao respeito. É desse modo que os Senhores devem considerar o Espiritismo, e não lhe pedir que preste contas de todos os defeitos humanos acumulados aos seus pés.

Para fazer o que chamamos de um espírita esclarecido, um bom espírita, é necessário reunir algumas qualidades: a força de espírito para suportar o espanto e a emoção que causam a descoberta de tantas verdades sublimes e por vezes até estranhas, de uma felicidade inesperada; a vista de um quadro tão grandioso, tão maravilhoso; depois, para avançar nesse estudo e para conquistar os tesouros dessa ciência, é necessário a perspicácia, a sagacidade, a memória, a sutileza de observação, o espírito de comparação, a indução, a análise e a síntese, uma grande retidão e ao mesmo tempo uma grande prudência de julgamento; devemos ficar constantemente em alerta contra os impulsos ou da imaginação, ou do amor próprio e da presunção. Acrescentai a

essas qualidades muitas outras necessárias ao verdadeiro sábio, um sincero e ardente amor pelo bem e pelos seus semelhantes, mortos e vivos, com um profundo sentimento religioso; pois, em Espiritismo, Deus se apresenta incessantemente como o objetivo soberano, para onde convergem todas as nossas aspirações, como o princípio de toda ciência e de toda luz.

Aqueles que apenas possuem essas qualidades em um grau inferior não devem se abster por isso, mas caminhar esclarecendo-se seguindo os passos e iluminando-se sob a tocha daqueles a quem se deve reconhecer a superioridade intelectual, científica, moral e religiosa.

O Espiritismo é uma obra maior do que todas as que até agora foram concebidas e empreendidas pelas mais poderosas associações; porque esta obra deverá não somente reunir as forças de todos os Homens, mas as de Deus e de seus incontáveis servidores invisíveis em missão no nosso planeta. A obra continuará sem descanso através dos séculos, e em breve se tornará uma instituição ao mesmo tempo divina e humana.

O Espiritismo compreende e ensina uma doutrina com regras de fácil aplicação. Tal doutrina corresponde às novas necessidades trazidas pelo progresso das luzes e da civilização.

O Espiritismo é antes de tudo uma religião, a maior, a mais pura, a mais santa, a mais divina de todas, a única que em breve servirá à nossa humanidade, libertada de obstáculos que a força dos preconceitos tinha, até agora, permitido subsistir. E é preciso reconhecer: a ignorância e a barbárie, palavras tomadas aqui em um sentido relativo ao futuro, como a ignorância e a barbárie de outros tempos eram relativas à nossa civilização de hoje.

Atualmente a religião espírita está na infância; sua constituição ainda não está desenvolvida; ela é menor e ainda não pôde reclamar seus direitos civis; mas as perseguições poderiam muito bem emancipá-la antes da hora. Hoje em dia não há perseguição a ferro e fogo: é outro tempo, são outras maneiras, outro gênero de barbárie; a perseguição dos nossos dias se manifesta de maneira menos brutal, mas não menos maligna e perigosa; suas armas são o sarcasmo, a crítica venenosa, o ridículo, este espantinho de pequenos corações e pequenas inteligências. O ridículo somente mata crianças que não nascem aptas a viver.

Deixem o ridículo do dia passar!

Os espíritas, ainda que já bastante numerosos - uma vez que poderiam ser contados aos milhões em todo o mundo -, até agora evitaram formar uma religião. Primeiramente porque quiseram fincar raízes em bases sólidas, lenta e sabiamente elaboradas sob os princípios de sua fé, que é ao mesmo tempo sua

convicção esclarecida e sua certeza adquirida pelas várias provas dadas pela experimentação científica. Em seguida quiseram viver em paz com todas as religiões, não atacando nenhuma, respeitando e admitindo todas elas, o que não impediu certos ministros destas de declarar uma guerra feroz.

Em determinado momento, os espíritas poderão ter sua religião reconhecida pelos governos dos países onde habitam, a fim de assegurar-lhes a proteção das leis. Na França, particularmente, eles pedirão para desfrutar dos benefícios da constituição; a tomar, como os outros, o seu lugar no sol da liberdade de consciência; a ter, como as outras religiões, seus templos construídos e mantidos com recursos públicos e, com o seu direito de pregação, obter o respeito dos outros religiosos.

O que se exige das outras religiões para reconhecê-las e protegê-las? A condição de existir, isto é, de possuir crentes em número respeitável e de se submeter às leis estabelecidas. A religião espírita atende perfeitamente a essas duas condições: os adeptos do Espiritismo não querem outra coisa senão isso para fazer valer seus direitos de cidadãos, e certamente o farão quando julgarem oportuno. Seria necessário, visto que ainda não o fizeram, tratá-los como exilados, recusar-lhes o que é concedido aos judeus e outros religiosos em minoria no país? Os espíritas não apelam para as leis, mas solicitam a consciência das pessoas honestas de todos os cultos.

Os que relegam o Espiritismo ao ridículo ultrajam uma coisa santa, sagrada; ofendem honoráveis cidadãos naquilo que lhes é mais sensível; violam o santuário íntimo da consciência para cuspir-lhe o riso e o desprezo. E, porém, tão grande é a força da fé espírita, que nenhuma marca de cólera foi produzida. É que a religião espírita é uma religião toda de indulgência, toda de perdão, toda de amor, caridade e fraternidade.

A religião espírita é o cristianismo restaurado à sua pureza, à sua simplicidade primitiva, e ambos conectados por novos ensinamentos em uma fase mais avançada de progresso da humanidade. Cristo outrora disse: “Eu teria ainda várias coisas a vos dizer, mas vós não poderíeis compreender”. Em breve a humanidade poderá usufruir do que antes seria para ela um fardo muito pesado. O século XVIII teve seu 89; o século XIX, século de transição entre todos, terá também o seu, porém mais doce e muito mais fecundo do que o de seu irmão mais velho.

A religião espírita é essencialmente divina, na medida em que se renova ininterruptamente em uma fonte divina; cada espírita recebe a revelação que emana de Deus, não por intermédio dos Homens sujeitos ao erro, mas pelos

anjos invisíveis ou mensageiros do Pai.

Os padres, os doutores do Espiritismo, portanto, não são os vivos, mas seres super-humanos que dão provas irrecusáveis de uma ciência e de uma sabedoria superiores à ciência e à sabedoria do homem mais inteligente e mais sábio. Os vivos a quem poderíamos chamar de apóstolos do Espiritismo são, a rigor, somente instrumentos, servidores, no máximo cooperadores; mas todos submetidos a uma única lei, que é a lei de Deus, manifestada de uma maneira divina.⁴

A religião espírita admite todas as religiões: nisto ela é lógica e racional, sobretudo profundamente impressa com o selo da misericórdia e bondade paternas. Deus, aquele a quem chamamos “nosso Pai”, não poderia responsabilizar o homem pelas condições de seu nascimento e do meio onde vive, pois Ele é verdadeiramente o Pai de todos os Homens. Isso seria blasfemar Sua justiça e lhe supor uma parcialidade preconcebida.

O Espiritismo diz a cada religioso: “Guarda tua religião se a tens, se ela responde às necessidades da tua consciência; eu não venho destruir, mas edificar; quero engrandecer, fortificar na tua fé tudo o que ela te ensinou de bom, e o farei com provas que ninguém poderá recusar após tê-las seriamente examinado. Se não desejas crer em todos os ensinamentos do Espiritismo, permaneças livre até que a luz tenha iluminado tua inteligência; tomes somente aquilo que possas admitir e que possa te fazer ainda melhor do que és”.

Ao indiferente, ao cético, ao incrédulo, àquele que não tem religião, o Espiritismo vem dizer: “Nenhuma religião, nenhuma maravilha da criação foi capaz, até agora, de forçar-te a crer, porque em todos os lugares encontrei causas de dúvida e incerteza; pois bem! Essa crença que tu sempre repeliste, eu te forcerei a aceitá-la, desde que queiras abrir os olhos; todas essas dúvidas que não conseguiram fazer-te feliz, eu as substituirei por firmes convicções, porque trago comigo o bom senso e a lógica, porque te falo numa língua que podes compreender; dou à tua inteligência uma roupagem que lhe cabe; será preciso que caminhes, pois verás claramente em teu caminho. Eu te forneço provas, examine-as, toque-as. Pare de rejeitá-las em tua infeliz desorientação”.

A religião espírita ensina particularmente um dever que incumbe a todos os Homens, qualquer que seja a sua crença ou incredulidade; é um imposto do coração do qual ninguém pode ser isento, imposto bem leve, dever bem doce a

⁴ Salientemos aqui que tais padres e apóstolos, invisíveis ou encarnados, nunca se vangloriam de ser infalíveis e que, quaisquer que sejam seus ensinamentos, cada um de nós tem o direito – vamos mais longe ainda, temos a obrigação –, de submeter tais ensinamentos ao critério da razão e de somente admiti-los com discernimento.

cumprir. O Espiritismo nos revela uma força que todos nós possuímos mais ou menos, segundo o que carregamos no coração e na alma, que é de aliviar, de maneira maravilhosa, os nossos irmãos de além-túmulo que se encontram em aflição. Quem se privaria de espalhar benefícios tão facilmente?

É um fato que mais de um observador deve ter notado: enquanto os padres católicos trovejam contra o Espiritismo, enquanto em Roma até a Congregação do Index condena sem remissão os livros desta doutrina, como o Soberano-Pontífice parece permanecer neutro no meio de uma luta tão ativa da parte de seus cooperadores? Como que não há menção ao Espiritismo nem na Encíclica, nem em nenhum outro escrito vindo do Chefe dos fiéis? Sua Santidade, nessa circunstância, demonstrou muita lógica, sabedoria e habilidade. O Espiritismo é, para o Catolicismo, um adversário muito mais temido do que a filosofia, a franco-maçonaria e o liberalismo do século; porque não obstante toda sua reserva, ele combate a maioria dos dogmas deste culto com a autoridade da ciência. Tal é a condição de ser do Espiritismo, que quanto mais o atacam, mais o perseguem, mais se faz barulho em torno dele, mais ele ganha força, mais acelera sua marcha; porque a verdade é como uma tocha que tem tudo a ganhar quando os olhos se fixam nela. A tática mais ágil é deixar os olhos que ainda não foram abertos, fechados. Foi o que perfeitamente compreendeu o supremo representante da força e dos interesses católicos.

Capítulo IV

O Espiritismo é um advento e não uma descoberta como todas as que podem reivindicar o espírito humano. Em todos os tempos houve manifestações de Espíritos; o que é novo, que só se produziu há alguns anos, é a quantidade, a frequência e o conjunto de tais manifestações; é o seu caráter de propaganda religiosa, de cruzada perfeitamente organizada para a conquista moral do planeta. Uma numerosa falange de Espíritos missionários recebeu de Deus suas instruções e seus poderes. Essa falange está submetida a uma disciplina, obedece a um Espírito diretor que coordena as ações e dá unidade à doutrina; esse diretor é um Espírito divino que reina pelo amor e pela caridade. Obedecemos-lhe não porque o tememos, mas porque o amamos com entusiasmo. Vós o imaginais um ser dificilmente acessível, como o são todos os grandes da terra: enganai-vos; porque o diretor, o chefe, o príncipe dos bons Espíritos, é a doçura, a mansuetude, a afabilidade, a modéstia, a humildade e a caridade por excelência. Além disso, não é preciso abordá-lo, visto que suas faculdades extraordinárias, permitem-lhe tudo ver e tudo escutar de uma só vez e em todos os lugares. Para vos responder, caso seja necessário, ele se colocará à sua disposição, se fará pequeno como vós; se compadecerá com suas dores e seus problemas, como se só tivesse isso em que pensar. Se assinar com o próprio nome uma comunicação ditada por ele, o fará sem rubrica, sem colocar nenhum título; caso seja-lhe preciso tomar um pseudônimo, escreverá ou ditará simplesmente: *Espírito de Verdade*. Esses mínimos detalhes da vida privada do Santo dos Santos não lhe conferem o selo de verdadeira grandeza?

Eu disse que o Espiritismo é uma revolução, um cataclismo; porém devo explicar-me: há as revoluções bruscas e impetuosas e as lentas e sábias, e a revolução espírita pertence a esta última espécie. O Espiritismo não abala nada, não destrói nada; vem docemente, *piano e sano*⁵, ao seu tempo. Eu disse cataclismo, porque em relação à moral e, conseqüentemente, em todas as suas

⁵ Alusão à expressão italiana *chi va piano, va sano*, que em tradução livre significa “quem caminha com segurança, vai longe”; ou “vai com segurança quem vai devagar”. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/locucooes-expressoes/chi+va+piano+va+sano>. — N. T.

instituições, que são a resultante da moral, o Espiritismo deve transformar mais radicalmente a humanidade do que os sucessivos cataclismos materiais para a urografia do planeta. Nada prova que cada uma dessas transformações foi produzida em um curto espaço de tempo; o contrário parece mais provável. Da mesma forma, o Espiritismo só produzirá sua imensa obra com a ajuda do tempo, o qual torna as transições pouco sensíveis à vista estreita dos Homens.

Senhores incrédulos, queirais, por favor, por um instante somente, recuar cinquenta anos e, imantando-vos do espírito desta época, fechar os olhos sobre tudo o que não se via até então. Vou falar-vos de estradas de ferro, navegação a vapor, telégrafo elétrico, fotografia, etc., como se todas essas coisas lhe fossem familiares; ireis levantar os ombros e sorrir de pena, como se estivésseis lidando com um louco; seria belo de vossa parte se não fizésseis questão de me amarrar e ao menos de me prender em um hospício.

Agora, eu vos peço, mais um esforço de complacência, e nos transportemos meio século adiante: o que vereis, contareis aos sábios de 1866. Como estes senhores vão rir! Não importa, abri os olhos: estamos em 1916! Deus! Que mudança à vista! Quê! Não mais guerras e portanto não mais exércitos; não mais uniformes; não mais crimes e portanto não mais justiça criminal; não mais penas de morte; não mais prisões; não mais limites nacionais, e portanto não mais alfandegários; não mais governos, não mais administrações, mas um só governo, uma só administração, a da grande família humana; não mais nações, não mais povos, mas uma só nação, um só povo; não mais adultos sob tutela, e portanto, não mais tutores; não mais religiões, mas uma só religião, a verdadeira, a boa, aquela que tem bastante poder sob os Homens para lhes fazer viver segundo as leis de Deus, isto é, como bons irmãos em uma família, se amando e se ajudando mutuamente, não tendo outro interesse a não ser o do bem comum, orvalho abundante do qual cada um recebe sua parte nutritiva. Se falais do século XIX para os Homens de então: “Pobre século! dirão eles, século de ignorância e de barbárie, os estudiosos da época afirmavam que tudo foi descoberto, e eles nada sabiam, acreditais? A arte de não fazer guerra! Em uma região do globo chamada França, havia ainda, no século XVIII, Picardos, Normandos, Provençais, Lorrains, Champenois; a civilização avançou, e no mesmo país só havia franceses. Mas estes franceses tinham em torno de si ingleses, belgas, prússicos, italianos, espanhóis, vários povos com seus próprios interesses, seu próprio espírito de nacionalidade, os quais se observavam como inimigos eternos, quando não combatiam entre si. Quantos séculos não foi preciso para que a humanidade se desvencilhasse dos

últimos laços da barbárie!”

E quem produziu esse milagre? Foi o pobrezinho do Espiritismo de hoje, a quem respondeis apenas com insultos e piadas de mal gosto, tão fraco e insignificante ele vos parece.

Riam, Senhores, riam tanto quanto vosso coração quiser e, em seguida, se ele produzir em vós uma reação séria, reparai bem as linhas que acabo de traçar, e se em cinquenta anos minhas promessas não forem realizadas, ao menos em grande parte, vossos netos deverão me maldizer como um vil impostor.⁶

⁶ Acreditamos que o lapso de cinquenta anos dado para a realização de tal progresso é um tempo muito curto; mas aqui o lapso de tempo não é o argumento principal. O que são um ou dois séculos jogados no caminho da eternidade.

Capítulo V

Pode-se dizer ainda que o Espiritismo é uma força ativa e defensiva ao mesmo tempo. Como força ativa, seus efeitos são visíveis, seus progressos podem ser constatados; nossos inimigos são forçados a admitir que tais progressos são assustadores (sic). Somente os ímpios encontram lógica nessa qualificação; pois o Espiritismo é a guerra ao mal e àqueles que por este se interessam. Quando se reflete que o Espiritismo apareceu na França há apenas dez anos, e que está espalhado por quase todas as vilas, burgos e vilarejos, e que se prepara para um vasto desenvolvimento, obtendo vitórias em todas as suas aparentes derrotas, alegrando-se por todas as penas que lhe são afligidas, sua felicidade em meio a todos os acidentes infelizes que lhe sobrevêm. Todos vós que dizeis que trata-se de um desastre, de uma praga social, apressai-vos em parar o mal antes que ele faça novos progressos; porque para isso ele tem aptidão, disso eu os advirto.

Se outros dentre vós, Senhores, acusam o Espiritismo de fraqueza, sob o argumento de que não avança rápido o suficiente segundo o vosso julgamento, compreendeis que as grandes obras sempre exigiram longos anos para sua realização; que para constatar um progresso, é preciso estabelecer a comparação entre duas épocas longínquas, o que hoje torna-se impossível em relação ao Espiritismo, visto que é ainda uma grande novidade.

Como força defensiva, o Espiritismo não emprega outras armas a não ser a moderação, a doçura, a benevolência, a resignação, a paciência – *patiens quia aeternus*.⁷ Cansar-se-á de fazer o mal àqueles que só procuram fazer o bem e o fazem realmente. Esse tem sido o destino da maioria das grandes descobertas e das instituições que elevaram o nível moral e social da humanidade.

Como força defensiva, o Espiritismo apresenta essa particularidade única, que é de ser invencível. Nenhum poder humano é capaz de impedir a prática do Espiritismo, e que, se foi proibida por uma lei, sempre poderia aparecer no

⁷ Expressão latina atribuída a Santo Agostinho, que significa “paciente porque eterno”, em referência a Deus. Fonte: <https://www.dicionariodelatim.com.br/patients-quia-aeternus>. — N. T.

isolamento e na intimidade da família; porque ninguém pode impedir um Espírito de se comunicar a um vivo e de lhe ensinar muitas coisas, e isso pode acontecer de forma conjunta e simultaneamente em uma grande proporção; nenhuma polícia saberia impedir esta correspondência secreta de um novo gênero. A perseguição que sofreriam os vivos, apenas ativaria o zelo dos Espíritos. E para estes não há segredos, mesmo nas profundezas do pensamento humano. Diante de tais formas de comunicação, a imprensa, que com certa razão se autodeclara uma potência, deve inclinar-se humildemente, pois seus instrumentos materiais e suas formas materiais de expansão, sem as quais não pode funcionar, carecem de uma força humana para destruí-las.

Isso seria uma coisa terrível que os Espíritos, caso quisessem... mas não temais, eles são prudentes e discretos; não comprometerão seus servidores encarnados. Tão somente sabem tudo, julgam tudo e todos, e às vezes falam um pouco, mas não muito.

Não tendes absolutamente nada a temer do Espiritismo nesta vida, e nada de irremissível no outro mundo; porque o Espiritismo extingue o terrível inferno, que vossa razão e vossas luzes já tinham negligenciado. Mas por compensação, ele reconhece dois purgatórios, do qual um deles está localizado sobre nossos olhos materiais: é esta vida terrestre onde temos de sofrer tantas dores, físicas e morais, onde a saciedade do bem, que leva consigo o tédio, é também um sofrimento surdo, mas real.

Capítulo VI

Chamais os espíritas de apóstolos do maravilhoso, do sobrenatural; não poderia estar-se mais diametralmente oposto à verdade, porque o Espiritismo não faz outra coisa a não ser uma guerra constante contra o maravilhoso e o sobrenatural, carregando a tocha da ciência positiva no meio das trevas da dúvida e da ignorância. Não há nada como o Espiritismo para apagar a dose de imaginação que cada um de nós possui, rejeitando tudo o que não é ciência exata e certa, deixando-nos sempre em guarda contra a imprudência de nossas ideias e de nossos julgamentos. No campo da imaginação, do maravilhoso e do sobrenatural, que combate com afinco, o Espiritismo já conquistou brilhantes vitórias. O que outrora era milagre para alguns, coisa negada como falsa e impossível para os outros, tornou-se, pelo sucesso do Espiritismo, coisa totalmente natural e, por consequência, verdadeira e possível. Ao invés de cercar-se de véus, o Espiritismo rasga estes que, até nossos dias, nos haviam escondido tantas verdades essenciais. Somente ele nos permite seguir este velho preceito, o qual permaneceu como letra morta até seu advento:

*Gnôthi seauton.*⁸

Permitam-me chamar vossa atenção e vossas observações, Senhores, a uma coisa maravilhosa, extraordinária, uma coisa que não é nada natural; estais bem no meio dela: é O ANTIESPIRITISMO!

Podeis negar as causas o quanto queirais; mas os efeitos estão aí, inexoráveis. Não é algo por vezes bizarro, grotesco, insensato, maravilhoso, faraônico, admiravelmente idiota, os dizeres, atos e gestos dos antiespíritas? Eis aqui Homens honrados, dignos de confiança sob todos os aspectos, sábios e inteligentes como podeis sê-lo, enfim, Homens de vossa época, que receberam a mesma educação que vós, que viveram a vossa vida, alimentaram-se de vossas ideias. Tais Homens se deram ao trabalho de estudar e de aprofundar uma ciência eminentemente útil; o fizeram com prudência, sabedoria, com todas as

⁸ Expressão do grego antigo, equivalente a “conhece-te a ti mesmo”. Fonte: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/gnothi-seauton>. — N. T.

habilidades, qualidades e condições necessárias para obter um resultado certo e vantajoso; esses Homens de bem vêm compartilhar o resultado de seus trabalhos, e os recebem com a mais indigna ingratidão, com o sarcasmo do desprezo; não sabeis nem a primeira letra da ciência que eles adquiriram, e sobre esta questão os Senhores pretendem ser mais sábios do que eles, vos colocais como aristarcos⁹, decidis as questões como se as tivésseis estudado por muito tempo; de boa-fé, em boa justiça, deveis concordar, Senhores, que há nisto uma presunção realmente extravagante e ridícula; é mais do que audácia, é demência! E é no auge da publicidade que espalhais uma loucura tão bem condicionada!

O antiespiritismo é uma doença mental, felizmente curável, que durante as crises dá frequentemente àquele que sofre os defeitos contrários às suas qualidades habituais. O que geralmente é justo e bom se torna injusto e maldoso. Um escritor espiritual, cheio de talento, e o que é mais raro, de bom senso, prudência e sabedoria, se torna tolo, tedioso e absurdo quando picado pela tarântula antiespírita; eis aquele que nada a plenos voos na fantasia mais desordenada, e é ele quem repele com mais força o ideal, a imaginação, e é somente ele que borda seus arabescos sobre a tela mais delicada. A pobre lógica daí recebe golpes furiosos. Nosso homem cai de cabeça em todo tipo de armadilha; ele está furioso, quer morder, e vai se despedaçar com os próprios dentes sem perceber.

Um certo jornalista aprendeu por si mesmo, ou pelo exemplo dos outros, a observar rigorosamente as leis na imprensa, e a maneira de aplicá-las; mas quando se trata de Espiritismo, sua experiência desaparece: esquece a lei que pune severamente a incitação ao ódio e ao desprezo de uma classe de cidadãos. Ora, os espíritas são cidadãos; dizer que são tolos, imbecis ou malucos, é ignorar a consideração, a reputação de cada um deles, expô-los ao desprezo público; dizer que são enganadores, impostores, trapaceiros, usurpadores de herança, confundi-los com os seguidores do vudu¹⁰, é despejar sobre eles toda a aversão das pessoas honestas; e isso frequentemente pesa sobre Homens bem

⁹ Aristarco: crítico severo, superexigente; referência à atuação do filósofo grego Aristarco (século III a.C.), que criticou a obra de Homero. — N. T.

¹⁰ Vudu, vodu e voodoo, são derivações do termo francês “vaudou”, que designa um tipo de cultura religiosa formada em meados do século XIX na então colônia francesa de São Domingos (hoje dividida em duas nações: República Dominicana e Haiti) caracterizada pelo sincretismo das tradições afrodescendentes com o catolicismo local, anteriormente ensinado pelos espanhóis que colonizaram o continente americano. Mais tarde, essa crença foi difundida na cultura vulgar como essencialmente atrelada à prática de magia negra, não correspondendo exatamente com aquela cultura originária. — N. T.

conhecidos, os quais, em razão de seus negócios, sua posição social ou suas funções públicas, têm necessidade de conservar pura toda a sua honradez e seus diferentes títulos em relação à consideração, ao respeito, à confiança, à estima e à afeição de seus concidadãos.

Algumas vezes vai-se mais longe. Não se teme em citar nomes próprios, de caluniar e de difamar Homens irreprováveis. Se o ofendido, ao invés de responder difamando o signatário do artigo e seus cúmplices – como de direito – se contenta com um simples protesto ou retificação em termos moderados e convenientes, inserindo nas colunas a folha caluniosa, o Diretor faz-se de surdo. Parece que seu lema consiste em: “Abram caminho para a calúnia, abaixo a justiça e a verdade!”. E o espírita, sendo verdadeiramente cristão, diz como o Mestre: “Meu Deus, perdoa-os, pois não sabem o que fazem”. Esqueceram-se, os tolos, que a fé os obriga a inserir a resposta daquele que nomearam, tanto mais quanto insultaram-no publicamente, quando o injuriaram em sua honra. Se a lei se cala diante dessa situação porque não pode ser aplicada, a consciência de pessoas honestas aí está para julgar semelhantes atitudes. É preciso que se saiba que as recusas de inserção foram de tal modo numerosas — por alguns meses em particular — que os jornais agressores esquivaram-se das consequências de suas provocações.

Oh! Sim, a fúria antiespírita torna os Homens bastante cegos e bastante estúpidos; um deles diz: “eu não gosto de me ocupar de Espiritismo”; mas fala disso sem cessar em seus escritos. Outros chamam o Espiritismo de uma *praga da sociedade*; mas nenhum teve a coragem de seriamente procurar curá-la. Não seria isso falta de sensibilidade ou de lógica? É que para curar uma chaga, seria preciso primeiramente estudá-la, e nossos filantropos de curto prazo recuam diante de tal tarefa. É mais fácil fofocar a torto e a direito sem se preocupar com a veracidade das provas exigidas. Divertem-se a si próprios e aos outros, eis tudo, pouco importa a qual custo. O público quer escândalo, acusações obscuras, e disto é servido de acordo com seus gostos. Atualmente é o Espiritismo que se executa, amanhã será outra coisa.

As apresentações dos irmãos Davenport foram um célebre triunfo. Os espíritas tentaram rejeitá-los por serem um deles, declinando toda responsabilidade de seus atos e gestos. Mesmo os dois ianques em vão tentaram defender-se de serem espíritas, o que era supérfluo. Foi preciso fazer deles a réplica do doutor a contragosto. Até então, nenhum espírita havia sido insultado pessoalmente e em público. Era preciso fazê-lo de propósito. A turba dos antiespíritas gritou: “Precisamos de espíritas para zombar, para pressionar,

sempre e de qualquer maneira”. O antiespiritismo também teve seus setembristas.¹¹

Se se deve acreditar em certos detalhes já publicados e que ninguém os retificou, setenta pessoas pertencentes à classe esclarecida e sem dúvidas de uma delicada probidade, que haviam sido admitidas na sala Herz com cortesias, viram-se tomadas de tamanha vertigem, que imaginaram ter pago e, ao saírem de lá, pegaram seu dinheiro de volta, o qual não haviam despendido. Esse traço por si só deveria bastar para dar uma ideia da desordem mental produzida pela loucura antiespírita — *ab uno disce omnes!*¹²

Em nossa bela região, país da ordem por excelência, em nossa boa cidade de Paris, onde a polícia é tão bem estruturada, nessa tumultuosa noite de 13 de setembro, a força permaneceu — não pela lei, mas pelo antiespiritismo. Ele também cantou sua vitória em todos os tons. Ele se divertiu loucamente. Todos os jornais provinciais repetiam à vontade: “O Espiritismo foi desmascarado, o Espiritismo está morto. Foi o bom senso dos parisienses que o matou”. Ora, tanto o Espiritismo quanto o bom senso parisiense haviam ficado bem tranquilo nesse caso. Pouco importa.

Desde então, voltou-se à carga, e ainda se retorna ao mesmo assunto de tempos em tempos, contra esse infeliz que diziam ter aniquilado tão peremptoriamente. Vemos surgir de todos os lados as brochuras mais excêntricas. Uma delas tem como título: “O Espiritismo revelado”. Outra se intitula: *espírita hipócrita*. Ah! Boa gente, que jogo estamos jogando? Enquanto o Espiritismo vos procura de todos os lados para se apresentar a vós abertamente, para vos alistar sob a bandeira do progresso científico, intelectual, moral e religioso, vós virai-lo as costas, fugis rapidamente, e quando estais bem longe, dizeis esfregando as mãos: “Então nós o pegamos, esse dissimulado Espiritismo, esse trapaceiro, esse patife; nós arrancamos sua máscara e o matamos, perfeitamente morto”.

Eu repito, Senhores, aí está alguma coisa que não é natural. Não se luta tão duramente contra uma religião que nunca vos fez mal algum. A vós seria impossível negar todos os fatos de antiespiritismo recentemente produzidos. Falta examinar as causas. Se as conheceis, dizei-nos, **Ille felix rerum potuit qui noscere causas.**¹³

¹¹ Setembristas: Aqueles que participaram do massacre de setembro de 1792, um dos terríveis capítulos da Revolução Francesa. — N. T.

¹² Expressão latina que significa “conhecer um, é conhecer todos”. Fonte: <https://www.dicionariodelatim.com.br/ab-uno-disce-omnes>. — N. T.

¹³ Expressão latina que significa “feliz o que pode conhecer as causas das coisas”. Refere-se ao

Enquanto isso, vos darei minha versão, e podereis livremente substituí-la por outra mais racional.

Capítulo VII

Eu já disse que os Espíritos exercem uma certa influência sobre nossos pensamentos e, conseqüentemente, sobre nossos atos sem que suspeitemos disso; o antiespiritismo, verdadeira epidemia moral de nossa época, nos apresenta, de uma maneira impressionante, um de seus resultados, mas tão somente no mal sentido. O Espiritismo tem, no outro mundo, inimigos mais numerosos e mais encarniçados do que sobre esta terra; eles compõem uma multidão de Espíritos do mal, seu ódio implacável tem uma certa lógica, uma certa razão de ser. O Espiritismo vem incomodá-los em seus hábitos; eles precisam, algumas vezes a contragosto, responder a evocações, confessar seus crimes, suas torpezas; em seguida, veem a cada dia sua posição e sua força — que é a força do número — diminuir cada vez mais. É incômodo, é irritante, é horripilante. Entre eles, desse modo, não há senão gritos de raiva contra a nova e infeliz instituição: “Vamos, vamos, ao socorro. Vamos, todos juntos, um forte empurrão. Sopremos com a energia do desespero todo o veneno de nosso ódio nos Espíritos dos vivos; se a energia não for suficiente, vamos usar a malandragem, lisonjear toda autoestima, todas as fraquezas. Ataquemos todas as cordas sensíveis. Insinuemos a cada um o papel que deve desempenhar”.

E eis porque a imprensa não se calou em relação ao Espiritismo, cuja primeira letra desconhece.

Nessa luta, que é a do agonizante, as forças dos Espíritos perversos rapidamente enfraquecerão. A morte, que diariamente persegue a geração atual, não concede às multidões de Espíritos malfeitores tantos recrutas quanto elas perdem pela ação benévola e incessante do Espiritismo, obra de redenção e salvação.

Assim, Senhores, quando vos enganais a respeito do Espiritismo, sem saber aonde ireis e o que fazeis, incapazes que sois de dar a mínima explicação viável às vossas afirmações, estais simplesmente endiabrados. Eis a vossa desculpa.

Mesmo no sentido do antiespiritismo há, entre os vivos, outros mais fortes que vós. Sois muito frágeis, Senhores, em comparação com certos membros do

clero católico. No meio de todos os vossos insultos percebe-se que há mais piada do que fel e obscura maldade. Os Senhores abandonaram o personagem, e isso não vos cai bem. Tomai lições de antiespiritismo com os nossos santos pregadores. Observai o trabalho desses bons pais! Eles sim golpeiam duramente: reconhece-se que isso vem do coração; é através da mais profunda união que eles nos tomam como os mais odiosos e mais vis criminosos; nos condenam aos mais terríveis castigos do outro mundo, e bem gostariam de fazer o mesmo neste. Deve-se fazer justiça a esses dignos ministros de um Deus de amor e paz: eles são bem menos desajeitados do que vós em seus ataques; eles se privariam de negar a realidade das manifestações espíritas, pois sabem que não é nada difícil provar esta realidade. Acharam mais engenhoso colocar tudo na conta de Satã. Satã culpado. Os Espíritos, segundo eles, são hábeis hipócritas, os quais simulam a virtude para melhor insinuar a vida.

Cada um julga os outros como bem entende.

Para afastar vitoriosamente tais acusações, é preciso uma longa investigação, dedicar-se a um estudo aprofundado da questão; mas a coisa vale a pena. Se vos falarem de uma pessoa que, apesar de não a conheceis bem, vos parece boa e honesta, dizendo que é um trapaceiro, um homem perigoso, não ousaríeis defendê-lo imediatamente, por receio de ter sido enganado por vossas primeiras impressões. Por outro lado, se fizessem o mesmo contra um amigo de longa data, com quem convivestes na intimidade, cujo caráter estudastes a fundo e provastes em diversas circunstâncias, e cujas qualidades jamais foram postas em dúvida, oh! Então, não hesitaríeis em protestar com toda a lucidez e com toda a energia de vossa consciência contra a odiosa calúnia da qual vosso amigo é o objeto.

É a situação na qual se encontram os espíritas esclarecidos, experientes na prática das relações do além-túmulo, em relação aos Espíritos que eles conhecem perfeitamente e de quem tornaram-se amigos íntimos; pois uma das vantagens do Espiritismo é vos formar amizades muito mais sólidas do que as deste mundo interesseiro e traiçoeiro. Há certas coisas que a hipocrisia e a falsa ciência não saberiam imitar, como a perseverança invariável, inalterável e indefinida no bem, pois ao fazê-lo a hipocrisia não mais teria razão de ser - seria a virtude ela mesma. Tampouco imita-se o gênio e a verdadeira ciência, que se afirmam por fatos e provas.

Eu falei há pouco de padres católicos; não perdemos de vista que minhas observações dizem respeito somente aos indivíduos que, ao se tornarem agressores do Espiritismo e dos espíritas, devem aceitar a responsabilidade de

seus atos e sofrer-lhes as consequências. Tais padres são escusáveis, pois o Espiritismo, malgrado sua reserva, sua moderação, sua prudência, seu espírito de paz e de conciliação, ataca a maior parte dos dogmas católicos; eles combatem então *pro aris et focis*.¹⁴ Seu erro é de não ver que lutam contra uma força mais forte do que a deles, pois o Espiritismo é para o Cristianismo o que este é para o Judaísmo. É o ramo cheio de seiva que, ao sair da mesma raiz do velho tronco, deve abafá-lo progressivamente, tomando seu lugar e cobrindo mais vasto terreno com sua sombra salutar. Hoje o ramo está fraco; os ventos da calúnia o inclinam em todos os sentidos, mas não será derrubado.

Vós, Senhores antiespíritas laicos — abstração feita dos Espíritos do mal que vos impulsionam —, estais sem desculpas. Vossa conduta não tem nenhuma razão de ser, trata-se da pura demência: soldados do progresso como nós, combateis às cegas vossos melhores amigos e vossos poderosos auxiliares. O que ainda nos separa, o que impede nossas mãos estendidas de se encontrarem, é que vós, Senhores, quereis tudo fazer com a matéria, tudo relacionar com a matéria, enquanto nós, Homens de matéria como os Senhores, queremos mais o espírito de Deus que anima e fecunda a matéria. Senhores, sabeis para onde ireis inevitavelmente? Ao ridículo! Acreditai nisso, os que riem risos não estarão sempre do vosso lado. A ciência pode permanecer algum tempo mal compreendida, mas ela termina sempre por conquistar seus direitos, e então, qual será vossa posição aos olhos dos livres pensadores, de todos os que não se comprometeram? Será a mesma dos perseguidores de Galileu, se voltassem da terra... Todos nós espíritas o diremos ao falar do Espírito:

*E pur si muove!*¹⁵

Continuai surdos, ride, ride, delirai, caluniai: vossos risos passarão, vossas extravagâncias e vossas calúnias passarão, mas a ciência, grande e sublime, emergirá das poças de saliva onde quereis afogá-la. Não serão os espíritas que vos atingirão com esta arma do ridículo que escapará de vossas mãos. Não, pois o médico nunca tira sarro da doença. Serão os indiferentes, será a multidão desinteressada, aqueles que hoje batem palmas para vossas fortalezas sob a corda íngreme da publicidade; não podendo mais rir às nossas custas, rirão às vossas. Bem prudente aquele que deixar vosso campo antes do dia da derrota.

¹⁴ Expressão latina que significa “pelos altares e pelos lares”; ou “pela religião e pela pátria”. Fonte: <https://www.dicionariodelatim.com.br/pro-aris-et-focis>. — N. T.

¹⁵ Locução italiana que significa “e no entanto ela se move!”. Galileu Galilei teria pronunciado tais palavras depois de renegar a visão heliocêntrica do mundo perante o tribunal da inquisição. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/E_pur_si_muove!. — N. T.

Capítulo VIII

Eu poderia responder a todas as objeções que foram colocadas, a todas as censuras que foram ou que poderiam ter sido direcionadas ao Espiritismo; pois o que ignoro, os Espíritos me ensinariam. Enquanto espero que alguns de vós, Senhores, me deem a honra de pedirem-me essas explicações, vou responder a algumas teses antiespíritas.

O Espiritismo é um absurdo ou uma velharia, ou uma coisa sem propósito, ou uma coisa ruim. Dizei-nos somente uma pessoa bem-intencionada e digna de confiança que, tendo seriamente estudado o Espiritismo, professasse uma dessas opiniões. Muitos leram livros espíritas, em seguida assistiram a experiências feitas em más condições, nas quais permaneceram e adquiriram falsas ideias sobre o Espiritismo. Alguma vez já adquirimos uma ciência de maneira superficial?

Outros reprovaram a literatura dos mortos por ser inferior à dos vivos. Isso geralmente é verdade; mas é preciso levar em consideração muitas condições. O Espírito, como este ou aquele escritor, não trabalha sozinho em seu gabinete, com a cabeça descansada, retocando, corrigindo sua prosa. Normalmente ele improvisa com uma rapidez surpreendente, ao ponto de o médium ter uma dificuldade infinita para seguir seu ditado; ele não conseguiria se o Espírito não acelerasse o movimento de seus dedos. O Espírito, que visa mais a essência do que a forma, não dá senão uma pequena importância ao que chamamos um estilo correto e elegante: ele também autoriza seus reprodutores a corrigir os vícios de imprecisão, o que nem todos fazem. Não é de surpreender-se também que os Espíritos, habituados a falar entre eles uma língua diferente das nossas, não as falem todas tão bem quanto nós falamos uma ou um pequeno número delas. Frequentemente as faltas ou imperfeições de linguagem dos Espíritos devem-se ao médium, o qual escuta, copia ou traduz mal. Muitos mortos são inferiores em relação a todas as coisas - ou somente sobre certos pontos -, se comparados com o que eram durante sua vida. Isso depende ou de seu estado de sofrimento, que apagou suas faculdades

intelectuais, ou da ausência de Espíritos inspiradores a quem um dia deveram parte de seus sucessos literários. Os mortos, tendo se ocupado de novos estudos, naturalmente têm sua atenção dividida em um grande número de questões, o que lhes faz esquecer um pouco daquilo que sabiam enquanto vivos.

Reprova-se o Espiritismo a todo momento por encher os hospícios; mas isso em qual proporção exata ou mesmo aproximativa? Onde está afinal vossa estatística? Nossos adversários ficariam muito constrangidos em responder. Certamente pode-se ficar louco de Espiritismo, assim como ficar louco de amor, de religião, de ciência; não há uma coisa boa na Terra que não tenha seu lado perigoso. As mulheres, o vinho, a água, o fogo, as estradas de ferro, a navegação, a utilização das máquinas, tudo tem seus perigos. Por conta disso alguém já pensou em suprimir ou proibir uma dessas coisas? A questão não é de saber se é possível ficar louco de Espiritismo, o que não deixa qualquer dúvida; mas sim em qual proporção esta loucura é produzida, e se a soma do mal supera a soma do bem. Eu desafio todos vós a provar afirmativamente.

Os espíritas não estão mais isentos do que os outros Homens da ação maléfica dos Espíritos perversos; tão somente aprendem a prevenir-se disso, e o fazem com mais ou menos sucesso. O que há de certo é que o Espiritismo é uma doutrina moral e religiosa, que espalha a sabedoria entre seus adeptos, e que, por consequência, os impedem de fazer muitas loucuras. Tal é a regra, e as exceções são raras. Existe uma espécie de loucura, oferecendo quase os mesmos sintomas da loucura comum, e que somente o Espiritismo pode curar. Existem numerosas provas ao apoio dessa afirmativa.

Se algum de vós, Senhores, me fizesse esta pergunta: o que é preciso para conhecer o Espiritismo? Eu responderia: adquira-se esse conhecimento como todas as outras ciências, isto é, através da teoria e da prática. O que se faz para aprender a química? Estuda-se os livros e faz-se experimentos. É exatamente a mesma coisa com o Espiritismo. Onde encontram-se as maneiras materiais de experimentação, isto é, os médiuns? A mediunidade exige uma aptidão física especial, a qual possuem mais de um sexto dos indivíduos dos dois sexos. Como essas aptidões são de vasta variedades e normalmente não se desenvolvem senão após um certo número de tentativas nulas ou imperfeitas, é vantajoso saber com antecedência se determinada pessoa possui uma aptidão mediúnica e de qual tipo. Indicai-me os nomes e os endereços das pessoas que gostariam de se tornar médiuns, e eu *espero* informá-los de quais faculdades mediúnicas elas são dotadas. Digo *eu espero* e não *eu prometo* porque diferentes condições poderiam impedir o sucesso de minha coleta de informações extraterrestres. O

que posso afirmar é que muitas vezes obtive sucesso dessa maneira para pessoas que certamente não conhecia.

Seria um grave erro considerar a mediunidade como um talento para diversão. É, ao contrário, uma santa missão que Deus confia à sua criatura, delegando um Espírito de ordem superior para representá-lo junto a ela. Tal Espírito chama-se o guia espiritual: é ele que deve dirigir todos os trabalhos do médium, e fazer-lhe conhecer as vontades do Pai. Deus não é austero como o fazem a maioria das religiões, entretanto, ao levar em consideração nossas fraquezas e o meio onde vivemos, Ele exige que nos comportemos bem, que sejamos bons e devotados para os mortos e vivos. Deus, pessoalmente, se reserva ao direito de punir o médium que falta com os seus deveres: primeiramente é por uma simples advertência, que consiste na suspensão da faculdade. O médium é atingido por uma impotência sem que nada seja mudado em seu ser; ele quer escrever mediunicamente, e sua mão traça somente zigzagues; se ele se arrepende, sua punição é suspensa, e é o guia, o delegado de Deus, que vem anunciar-lhe. Se o médium comete novas faltas, é novamente punido, mas por um tempo mais longo. Se persiste no mal, sua faculdade lhe é totalmente retirada, ou então fica entregue aos Espíritos zombeteiros que o enganam e o mistificam de todas as maneiras; muitas vezes têm influência suficiente em sua mente para que não perceba seus erros. Todas essas sombras do quadro somente melhor realçam as luzes do Espiritismo.

Como quer que seja, pode-se afirmar sem medo de errar que os loucos são mais raros entre os espíritas do que entre os não-espíritas, da mesma forma que o estado de saúde é mais satisfatório entre as pessoas que seguem as regras de higiene do que entre aquelas que menosprezam tais recomendações. É natural, porém, que entre as primeiras pessoas também haja doenças, apesar de seus conhecimentos em higiene, e não por causa deles.

É preciso atentar para não confundir o médium com o espírita, pois pode-se perfeitamente ser um sem ser o outro: muitos médiuns não são espíritas, e a maioria dos espíritas não são médiuns.

Capítulo IX

Os espíritas

Seria pouco racional julgar os espíritas espalhados por toda a França, formando um total de cerca de um milhão de pessoas de ambos os sexos, de todos os tipos, de todos os estados e de todas as condições, pelo pequeno número daqueles que teríamos tido a oportunidade de conhecer. Entre os espíritas, como entre todas as numerosas categorias humanas, pode-se encontrar todas as variedades, todas as nuances de caracteres. Há os que são mais ou menos espíritas, isto é, mais ou menos fervorosos, mais ou menos esclarecidos na ciência do Espiritismo. Há os muito levianos, que comprometem por seus próprios defeitos a instituição à qual pertencem. Em outros tempos havia aqueles que se contentavam em girar e fazer dançar as mesas ou, no máximo, fazer-lhes responder a questões frívolas. Esses não merecem o título de espíritas, e, se ainda existem alguns desse tipo, no momento em que a ciência progride, o merecem menos ainda.

Em comparação com tais imperfeições — inseparáveis de toda classificação humana —, há espíritas da mais alta distinção, Homens de honra, estimáveis e dignos de confiança sob todos os aspectos. Entre esses dois extremos, há necessariamente diversas e variadas nuances, que formam a maioria daquilo a que se chamaria de a grande coleção espírita. Tratemos, porém, de expor algumas linhas gerais.

Creio, sem excesso de presunção, ser um pouco menos desinformado do que podeis ser, Senhores, para estabelecer uma média aproximativa, e poder afirmar que esta média, da qual não posso precisar os números proporcionais e relativos, é muito superior àquela do povo francês, tanto sob o aspecto da moralidade, da bondade, da sabedoria, quanto da ciência e de todas as qualidades e condições que justificam a estima e a consideração dos Homens.

São esses cidadãos, Senhores, que tratastes da maneira mais deplorável

em vossos escritos. Compreendestes bem a gravidade de vossa conduta mais que leviana a seu respeito? Vós, Senhores Diretores e Redatores de jornais políticos, precisais também, como nós e mais do que nós, de consideração, de estima, de simpatia. E o que fazeis para merecer tudo isso? Calúnias e difamações, feitas sem razão a Homens honrados e íntegros. Deveis antes de tudo investigar a verdade, o que não somente não fizestes, como também a repelistes. Vós a colocastes sob o alqueire, fechando sistematicamente vossas colunas a todas as explicações.

Ao atingir Homens respeitáveis de uma maneira ao mesmo tempo imprudente e injusta, vós mesmos vos descredibilizais, e de maneira gratuita, pois nada vos obrigou a publicar tais falsidades.

Os espíritas perdoarão com compaixão vossa conduta desqualificada, que não se explica senão pela demência antiespírita, tanto mais facilmente quanto eles sabem que tendes muito mais a reclamar do que eles; mas essa indulgência, essa caridade não chegará a vos provar e atestar sua estima. Chegou a hora de parardes de ir por esse caminho perigoso, de não cair ainda mais baixo nesse abismo. Apreendei, então, a conhecer os espíritas e em seguida falais deles.

Então, sob qual pretexto baseais vossas acusações? Na ausência do verdadeiro, seria necessário ao menos um pouco de plausibilidade. Dizeis que os espíritas são impostores, quando eles não são uns tolos crédulos. Como o ofício de impostor oferece vários perigos, ninguém o faz sem ter qualquer interesse por isso, sem ser atraído por uma motivação qualquer; também acrescentais: são trapaceiros, ou, para falar mais claramente, são patifes. Está bem, está claro, mas isso não é suficiente; serieis bem amáveis, Senhores, se nos dissésseis como eles fazem para enganar, e qual interesse lhes move. O furto ao Espiritismo seria acrescentado à já numerosa lista daqueles cuja atuação foi desmascarada.

Os espíritas não possuem entre si esse tipo de interesse material próprio de outras sociedades; entre eles não há filiação, não há pacto, não há disputa. Trata-se de um negócio puramente moral e religioso. As únicas questões envolvendo dinheiro ou ambição que poderíeis encontrar serão as seguintes: em muitas localidades, os espíritas constituem-se em sociedades ou grupos; mas a cotização tem por único objetivo cobrir as despesas estritamente necessárias, como o aluguel de um apartamento, as taxas de iluminação etc. As contas são fáceis de verificar e dizem respeito apenas aos interessados. Em muitos grupos esses gastos nem existem: é o proprietário da casa quem recolhe as taxas, fornece papéis e lápis. As sociedades ou grupos possuem presidentes,

mas somente com funções subalternas, que não têm nada de invejável nem de lisonjeiro para o amor-próprio; tais presidentes vivos são apenas os servidores dos presidentes mortos, uma vez que estes sim exercem a autoridade real.

Ireis dizer-nos agora: “E a imprensa espírita?”. Falemos dela e comparemo-la à vossa. Se quereis realmente obter informações exatas, reconheceréis que a maioria dos diretores de jornais espíritas fazem prova de desinteresse e devotamento à sua religião. Entre nós, Senhores, não há colaboradores assalariados; ninguém está interessado em agradar leitores; cada um de nós depende apenas da própria consciência, unicamente de sua consciência, compreendei bem. Seria ótimo se pudéssemos dizer o mesmo da imprensa em geral!

Quanto à censura dos tolos, esta também não tem razão de ser: não somos tolos como pessoas, pois somente aceitamos como verdadeiro aquilo que nossa própria consciência nos faz reconhecer. Há espíritas que conhecem o Espiritismo somente pelos Espíritos e não pelos livros; não são menos esclarecidos por isso. O que aprenderam compatibiliza-se perfeitamente com o que os escritos dos vivos teriam podido lhes ensinar.

Como não queremos ser enganados, também não queremos enganar os outros, o que, além disso, seria uma grande tolice de nossa parte, porque ao nos dirigir de preferência às pessoas mais instruídas e mais clarividentes para fazer adeptos, seria uma presunção ridícula demais pretender abusá-los indefinidamente. Acreditamos no triunfo final da verdade e da luz, eis tudo. Dizemos àqueles que querem nos escutar: fazei como fizemos, como fazemos a cada dia; estudai, experimentai. No estudo de uma nova ciência, ainda muito pouco difundida e muito pouco aceita entre os Homens, não seria demais tomar muitas precauções contra as armadilhas do erro; sejais então vigilantes e prudentes, como o somos nós mesmos. Assentai vossa convicção sobre bases sólidas, não dizei senão aquilo que podeis provar etc.

Será essa a linguagem dos tolos ou dos imbecis que se deixam enganar? Se há entre nós Homens cuja sinceridade, o desinteresse, o bom senso e as luzes possam ser colocadas em dúvida, não seríamos responsáveis por isso; pois queirais admitir que erros são pessoais, sobretudo quando trata-se de Homens sobre os quais não temos nenhum poder, nenhuma espécie de autoridade. Ireis objetar: por que não os desaproveis publicamente? É o que fazemos o mínimo possível, pois nossa religião nos prescreve a indulgência para com as faltas de nossos irmãos. E não tendes do que reclamar, Senhores, pois sem essa virtude cristã, a qual praticamos da melhor maneira possível, vossos ataques contra os

espíritas vos trariam transtornos que não deveis temer.

Nada nos força a continuar sendo espíritas, senão nossa consciência e o sentimento de nossos deveres religiosos. Permitam-me, Senhores, vos trazer algumas passagens de um escrito produzido por um Espírito profeta em 1863 e publicado na *Revista Espírita* do mesmo ano, página 380:

“A luta vos espera, meus filhos queridos; os anos que virão estão cheios de promessas, mas também de ansiedades. Não haverá mártires do corpo como nos primeiros tempos da Igreja, porém haverá torturas morais... Sereis atingidos em cheio por flechas envenenadas da calúnia... Se não sois crucificados em carne e osso, o sereis em relação a vossos interesses, vossas afeições, vossa honra.

“Aliás, toda essa guerra será apenas temporária e recairá sobre aqueles que acreditaram estar criando armas contra a doutrina; o triunfo, e não mais o sangrento holocausto, raiará do Gólgota espírita.” (Paris, 14 de agosto de 1863 – Erasto, discípulo de São Paulo, o apóstolo).

O que fora dito e publicado em 1863 se realizou particularmente em 1865. Os Espíritos de ordem superior, como Erasto, raramente se prestam a predizer o futuro; mas quando o fazem, excepcionalmente, merecem toda confiança. As frases que acabo de citar provam várias coisas: primeiramente que os espíritas não são hábeis enganadores como se pretendia, uma vez que espalham por todos os meios escritos desanimadores similares ao trecho citado. Qualquer egoísta — e há muitos — que lesse essas palavras em 1863, teria dito a si mesmo: há tantos inconvenientes em se tornar ou permanecer espírita! Afastemo-nos um pouco; quando a hora da vitória tiver soado, poderemos, como os outros, participar da colheita dos louros; poderemos fazê-lo até mesmo após ter combatido os futuros vencedores, e isto se vê todos os dias. Os que permaneceram fiéis ao Espiritismo ou que entraram em suas fileiras, apesar de todas as ameaças, são pessoas corajosas, desinteressadas, devotadas, desprovidas de qualquer ambição material, pois a luta anunciada deve ser por muito tempo desfavorável e a distante recompensa será mais no outro mundo do que neste onde vivemos. Desfrutaremos de tal vitória como Espíritos e não como Homens. *Victoria! Morituri te salutant...* ¹⁶

Uma vez que Erasto, com dois anos de antecedência, tão bem esclareceu a verdade — no lugar das calúnias que os espíritas teriam que passar —, é racional confiar em sua palavra quando ele promete o triunfo. Tal triunfo é

¹⁶ Expressão latina que significa “Ave, César, aqueles que estão prestes a morrer o saúdam”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ave_Imperator_morituri_te_salutant. — N. T.

inevitável, está na natureza, na ordem inalterável das coisas, pois a verdadeira ciência sempre venceu a falsa ciência e a ignorância.

A vitória, portanto, nos pertencerá em definitivo como a Cristo, a Colombo, a Galileu, a Papin, a Parmentier, a todos os precursores, a todos os mártires da verdade. Alguns em vossas fileiras já se abstêm, outros se limitam a exprimir dúvidas; um grande jornal italiano, o *Concordia*, hasteou a bandeira do Espiritismo de maneira franca; seu exemplo será seguido na França e em toda a Europa, pois já se vê no horizonte o alvorecer dos sinais indicando vossa derrota. Apressai-vos, se quereis ser os trabalhadores da última hora. Nós, os velhos espíritas, que teremos suado no calor do dia, ficaremos felizes por virdes compartilhar conosco o salário dos trabalhadores da vinha. Homens prudentes, Homens previdentes, voltai-vos ao sol nascente do Espiritismo. É um conselho que vos dou, é uma prece que vos direcionam não somente todos os espíritas, mas também vossos parentes, vossos amigos desencarnados, todos aqueles que vos são queridos, e dos quais acreditais estar separados para sempre. Mães, não choreis mais por esses anjos cujos restos frágeis foram confiados à terra; eles querem vir até vós, não os rejeiteis. Oh! Vós os reconheceréis facilmente em razão de sua conversa agradável. Uma mãe não tem um senso íntimo que não se poderia enganar em relação ao seu filho? Quem será suficientemente indigno para tentá-lo?

X

Não sou um partidário nem mesmo dos espíritas, e a prova é que reconheço seus defeitos tão bem quanto suas qualidades. O que reprovos nos espíritas é de serem, em geral, cépticos e incrédulos; querem crer somente naquilo que experimentaram eles mesmos, e, entretanto, deveriam saber que as aptidões mediúnicas são variadas, e que aquilo que um ou mesmo o maior número de médiuns não obtêm, outro médium especial pode obtê-lo. Em seguida, em relação ao seu desinteresse, ultrapassam o limite do justo e do razoável. Todos esses defeitos, é verdade, são somente qualidades levadas ao excesso, mas não deixam de ser defeitos.

Imperfeitos como são, os espíritas têm o direito de considerar os não-espíritas como bárbaros, ignorantes, selvagens. Falemos um instante, por favor, a língua de uma civilização mais avançada, em uma palavra, a língua espírita. Não são bárbaros aqueles que dizem: “O nobre prazer da cassia, a glória das armas, a necessidade da pena de morte”? Como se houvesse necessidade de se evitar um crime incerto por um certo; os que preconizam ou ao menos admitem o duelo ou o suicídio; os que cantam os *Te Deum*,¹⁷ quando a colheita do sangue humana fora abundante? Sacrilégio, horror, monstruosidade! Não são ignorantes, aqueles que não sabem nem o que foram, nem o que são, nem o que serão? Aqueles cujos conhecimentos estão contidos no cerco estreito da matéria e até mesmo exclusivamente no seu próprio planeta? Não são selvagens, aqueles que vivem fora de toda troca com a parte mais iluminada, mais nobre, mais virtuosa da humanidade terrestre? Aqueles que fervilham sobre seu pequeno e pobre globo, prisioneiros do universo inteiro, deste universo onde tantas criaturas de Deus, irmãos seus sob esse aspecto, pensam, progridem e adoram o Pai infinito? Não são ainda crédulos e tolos os que creem na morte como o fim da vida, que mantêm os olhos fechados, e que recuam quando se oferece-lhes os mais belos presentes?

¹⁷ Hino cristão datado do ano 387 d.C. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Te_Deum. Vídeo com a reprodução deste hino disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rUcFEiED-xU>. — N. T.

Há inconvenientes em dizer-se espírita atualmente, mas não há nenhum em sê-lo em segredo. Responderéis: “Não concebemos como um homem de nossa educação, imbuído de nossas ideias, iluminado por nossas luzes, um homem semelhante a nós em todos os aspectos, pode tornar-se... espírita”. A transição às vezes é longa. A leitura de todos os livros especiais não é suficiente para vos convencer; passa-se pela fase da dúvida, da incerteza, da insatisfação, da fraqueza. Alguns param nos primeiros passos: tudo o que leem, tudo o que escutam, tudo o que veem, lhes parece tão inacreditável, impossível, surpreendente, absurdo, que ficam espantados, apavorados, tomados de vertigem... Quê! A morte não existe! Pois bem, me tornaríeis louco. Entretanto, não há nada mais simples, mais natural. Tudo é uma questão de manter sua razão, sua lógica e sua calma. Outros avançam um pouco depois de ter vencido essa prova, mas caem nas mãos dos espíritas ignorantes e pouco aptos para esclarecer sua convicção, desistindo da tarefa iniciada. Contudo, a cada dia formam-se novos adeptos: através de obstáculos de todo tipo, a carruagem do Espiritismo avança, e, como disse espirituosamente o Senhor Edmond Texier: “Seus progressos são assustadores”.

Todavia, os espíritas esclarecidos não escondem de si próprios que somente no último quarto de século que o Espiritismo tomará novas proporções e entrará em uma nova fase de crescimento. Além das revelações dos Espíritos, há motivos certos para prever essa situação. Atualmente os espíritas estão sem chefes vivos; eles os terão mais tarde. A obra que realizam - um concerto com os mortos - tem por objetivo principal a regeneração, a transformação da humanidade; é uma nova aliança entre o Criador e suas criaturas humanas da Terra. Nos trabalhos dos espíritas está compreendida a moralização de Espíritos de uma ordem inferior; ora, os mortos são muito mais maleáveis do que os vivos; quando uma santa doutrina lhes é revelada, eles vos escutam como um oráculo. Esse título de vivo tem para eles um grande prestígio. Os progressos que realizamos a cada dia entre eles são realmente admiráveis. Todos esses mortos que convertemos à doutrina espírita, que é a do grande cataclismo moral e humanitário, tornar-se-ão, por sua vez, vivos, e é desta forma que os espíritas, encontrando-se em sua maioria neste ou naquele país, na França, por exemplo, transformarão os hábitos e conseqüentemente as instituições, as quais são sempre a resultante dos costumes e das ideias adquiridas.

Não me compreendeis e permaneceis incrédulos, Senhores, quando vos digo que os mortos tornar-se-ão vivos. A doutrina da preexistência da alma,

entretanto, não é nova. Orígenes foi um de seus primeiros divulgadores. Sendo um sábio de primeira ordem em sua época, Orígenes foi um homem de gênio. Os que não o reconheceram, e que sufocaram sua voz, eram-lhe inferiores sob mais de um aspecto. Não é a primeira vez que vimos grandes descobertas não triunfarem senão muito tempo após a morte daqueles que primeiro as descobriram, e que tiveram o infortúnio de permanecerem desconhecidos. Nem sempre a pessoa que atribui seu nome ao progresso é, de fato, a sua verdadeira fonte. Muito antes dele a coisa já havia sido encontrada, e em seguida perdida na noite da ignorância. Nesse sentido, saudamos e bendizemos Orígenes, um dos precursores do Espiritismo.

XI

Volto a tratar de uma questão, Senhores, da qual não podereis tirar reflexões maduras demais. Se os espíritas, segundo vós, comprovam essa virtude cristã sublime que perdoa os injustos, não é razão para abusar indefinidamente de sua mansuetude e paciência ao caluniá-los sem piedade e sem descanso como o fazeis. O que aconteceria, eu vos pergunto, se os espíritas deixassem de ser espíritas? Onde os Senhores estariam se eles fossem homens como os outros, isto é, se se defendessem de todas as maneiras permitidas ou toleradas? Não esqueçais que os espíritas têm contra vós, que os provocam tão intensamente, três espécies de armas de defesa:

1º O duelo:

Lembrai-vos de Armand Carrel e mais recentemente de Henri de Peine, e tantos outros que pagaram muito caro por um momento de leviandade, uma simples brincadeira considerada de mau gosto por aqueles que foram o objeto dela e que se fizeram juízes e algozes em causa própria. Não é algo muito triste, muito lamentável que um homem de talento seja afastado de seus amigos e familiares na flor da idade ou deitado por longas semanas sobre uma cama com dor, por algumas linhas inconsequentemente traçadas, onde não há nem fel, nem maldade real e o agressor havia agido sem um motivo sério? O remédio é deplorável, cem vezes pior do que a doença, mas é eficaz; às vezes não é preciso menos do que isso para sabiamente colocar limites aos escritores à procura de escândalos. O duelo, esse vestígio da barbárie, ainda é motivo de honra entre vós; quando provocado, ninguém pode recusá-lo sem ser desonrado. Há, entre os espíritas, um bom número de homens de espada, bravos militares que vivamente sentem vossos ultrajes. Eles não temem a morte, pois ela é para o espírita tão somente uma vantajosa mudança de vida; mas temem ofender a Deus. Também temem as severas penas com as quais o grande juiz golpeia o duelista. Para o espírita, o duelo é um crime mais odioso do que o assassinato, pois antecipadamente expõe-se e sacrifica-se uma vida pela qual somos

responsáveis perante o criador. Se soubésseis tudo o que esse pobre Armand Carrel sofreu desde sua morte, por não ter tido a coragem de recusar um duelo! Pois aquele que luta segue a rota onde tem menos medo.

Se os espíritas vos provocassem, como têm o direito de fazer, de acordo com as leis da honra, e então porque é a maneira mais segura de vos fazer calar e de punir vossas calúnias, se, pois, fizessem de seus cartéis como suas respostas moderadas a seus ataques violentos, não poderíeis ir em um local público sem estar, a cada instante, expostos a ser esbofeteados, a receber as mais sangrentas afrontas da parte dos críticos. Não tendes medo disso tudo, pois os espíritas querem abolir o duelo; o qual, que seja dito entre nós, combina perfeitamente com vós. Sejais então ingratos para com eles!

2º A proteção das leis:

Os espíritas possuem direitos como todos os que habitam em solo francês: esta proteção, se a exigissem, não poderia ser-lhes recusada, e muitos de vossos artigos poderiam resultar em processos judiciais. A autoridade puniria entre vós, e com razão, aqueles que, clamando uma extensão de liberdade, já tiraram a licença dos excessos mais culpáveis. Vossos golpes, ainda que comumente coletivos, não possuem uma elasticidade que permita ao indivíduo desviar-se deles. Golpeais de peito aberto cada um de nós pessoalmente, individualmente, tal como se tivésseis citado nossos nomes. A partir do momento em que alguém se considera espírita, segundo vossas afirmações, a pessoa está necessariamente ou enganando ou sendo enganada, e se fizemos prova de inteligência, habilidade e talento na sua profissão, a primeira das duas qualificações se aplica lógica, rigorosa e inevitavelmente à vossa pessoa. Deveis admitir, Senhores, que é odioso e perverso ao mesmo tempo, pois eu vos juro pela minha honra, que tudo isso é falso, ao menos de maneira geral, e não podemos responder por raras exceções. Não, não compreendestes o impacto de vossos artigos antiespíritas.

3º As represálias da polêmica

Em face de ataques virulentos, respostas ainda mais virulentas não seriam nada além de desculpáveis.

O homem honesto que foi indevidamente caluniado tem o direito de indignar-se e de protestar com energia, arremessando de volta aos seus agressores o punhado de lama que apanharam para lhe atirar à cara. Vós nos

provoqueis em vossa arena; pois bem! Desçamos daí: dente por dente, olho por olho! É um bom jogo para nós, Homens de coração, a quem não podeis contestar esta coragem moral que afirma sua fé e suas convicções no meio dos gritos da turba. Ao tomar vosso próprio vocabulário, encontraremos uma força estoica que bem merecerdes, tais como caluniadores vis, agressores corrompidos, mercadores de prosas escandalosas, delatores da liberdade e do progresso...e assim por diante, e piores. Tudo isso é permitido em vossos torneios pouco cavalheirescos. Os Senhores nos qualificam de impostores: impostores são vós! Sabeis bem, Senhores, que tudo o que dizeis contra os espíritas e o Espiritismo não passa de mentiras e infâmia; mas vos é preciso agradar vosso público a todo custo.

“Paillass, meu amigo, não salte pela metade!”¹⁸

Abaixo toda lealdade, toda sinceridade, todo pudor! Os Senhores perceberam que os espíritas não se defendiam, ou o faziam com uma reserva extrema. Assim, vossa imprudência se intensificou em razão de sua doçura, a qual tomardes por fraqueza: Covardes! Oh! Não tenteis provar o contrário, não conseguiríeis. Também ofendeis aqueles que se defendem? Não, gritais injúrias contra os inofensivos, que somente respondem com palavras de paz e fraternidade.

Senhores diretores e Senhores redatores, talvez direis que a responsabilidade moral de um escrito somente recaia sob o signatário. Existem exceções a essa regra: há manchas tão sujas que afetam, em graus diversos, toda a equipe de redação, mas sobretudo os diretores. Tendes em todos os casos a cumplicidade do silêncio, do apoio moral. Não protestais, então aprovais, e o que prova isso é que, após ter favorecido e apoiado a calúnia, fechais sistematicamente vossas colunas a toda explicação honesta e razoável que pudesse esclarecer a questão. Uma conduta como essa, ativa ou passiva, mostra o cachê, o critério de vosso valor moral e político.

Os Senhores colocaram lama em vossa bandeira ao tentar cobrir os espíritas. Todo mundo tem o direito de vos dizer: “mentis, vergonhosamente mentis!”. Não somente pode-se vos dizer no papel impresso, mas também em face de cada um de vós, podemos cuspir esta exata reprovação: “Senhor, sois um miserável”; pois procurastes publicamente rebaixar Homens virtuosos, essencialmente estimados e honrados...

Não esqueceis, Senhores, eu vos peço, de que o que acabo de dizer não é

¹⁸ Alusão à canção “*Paillasse*”, de Pierre Jean de Béranger (1780 - 1857). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Jean_de_B%C3%A9ranger. — N. T.

senão a título de pura hipótese: tal linguagem está bem longe de meu pensamento e do de todos os espíritas. Para eles não sois mais do que pobres irmãos desnordeados pela demência, e para quem seus corações estão sempre abertos, suas mãos sempre estendidas. Peço humildemente desculpas por vos ter emocionado de forma desagradável; julguei essa saída necessária para tirar-vos da vossa apatia, que vos impede de estudar seriamente as questões que não receeis em tomar por definitivas; quis vibrar em vossos corações uma corda honesta; se ela existe, por favor não a paraliseis. O que eu disse, o que fiz ver de violento, outra categoria de Homens, que não os espíritas, teria dito e feito em seu lugar. Do ponto de vista das ideias gerais, vossos erros não são menos reais, ao contrário, se agravam em razão da generosidade de vossas vítimas. Eis a força do Espiritismo que transformou em cordeiros os Homens que sentem as injúrias e que, se o quisessem, não faltar-lhes-iam energia para repeli-las. Lamentei profundamente a necessidade de vos desagradar; certas operações cirúrgicas são dolorosas, mas salutares. É preciso elevar a voz quando se fala aos surdos, sobretudo aqueles que não querem nada compreender. Se eu tivesse falado na linguagem de um espírita, que não é senão bondade inalterável, teríeis tomado isso como hipocrisia, e teríeis compreendido ainda menos. Eu vos peço, abri os olhos e parai de observar o abismo em direção do qual vos dirigis imprudentemente. Estudai, refleti, e vossos julgamentos se esclarecerão e se modificarão. Permiti-me repetir como o Senhor Flamel: “Chegou a hora de a luz brilhar”.

Sim, chegou a hora de cessar esse deplorável mal-entendido que colocou em estado de aberta hostilidade as crianças da mesma pátria, os Homens feitos para se compreender, se amar e se estimar mutuamente.

Cumprimentos, etc.

Sétif, 11 de janeiro de 1866

Adendo

As vantagens da tiptologia

Armand Greslez

Revista Espírita de Outubro de 1877

Uma das vantagens da tiptologia é que ela cansa menos o médium do que qualquer outra faculdade. Conheci um médium que tinha várias faculdades mediúnicas; sua saúde o obrigou a desistir de tudo, exceto da tiptologia.

Embora todos saibamos, é bom lembrar que a tiptologia não serve apenas para provar a mediunidade de efeitos físicos, mas que é mais frequentemente utilizada para manifestações inteligentes, onde o Espírito revela fatos desconhecidos, onde demonstra conhecimentos muitas vezes estranhos ao médium e aos assistentes.

Para muitos, ela oferece esta vantagem sobre a escrita mediúnica, que na aparência é muito mais independente do que esta última do pensamento e da vontade do médium. No entanto, deve-se admitir que essa aparência é enganosa: embora o médium desconheça perfeitamente as comunicações que obtém por tiptologia, que essas comunicações ocorrem quase fora de sua pessoa, não é menos verdade que elas podem ser derivadas, até certo ponto, de seus pensamentos, disposição, faculdades morais e intelectuais.

Há motivo para reflexão aqui. O serviço que a tiptologia pode prestar a esse respeito é o de facilitar o estudo aprofundado dos fenômenos da mediunidade; para que venhamos a compreender a sua fisiologia, para podermos dizer quais as molas que põem em jogo o ato mediúnico, quais são as respectivas participações do médium e do Espírito nos resultados obtidos. Até agora, essa parte da psicologia mal foi tocada. O meio tem sido comparado a um

instrumento musical. Essa comparação, a meu ver, carece de adequação, na medida em que um instrumento, por sua construção e composição, só pode dar origem a efeitos materiais, enquanto o médium, sendo inteligente por si mesmo, exerce uma influência variável sobre os efeitos inteligentes que são produzidos. Novamente, vamos observar e estudar.

As experiências de tiptologia muitas vezes permitem que pessoas não médiuns percebam diretamente e por si mesmas as manifestações dos Espíritos, e necessariamente notem sua presença. O fenômeno ocorre quando esses Espíritos não podem se manifestar por meio de batidas, apesar de seu forte desejo de fazê-lo. Todas as pessoas que colocam as mãos sobre a mesa sentem um leve formigamento nas pontas dos dedos, um diminutivo do efeito produzido pela eletricidade. Às vezes, até a parte inferior das mãos fica impregnada de suor por uma baixa temperatura e, ao retirá-las, percebe-se que a mesa está molhada no local que ocupavam. Às vezes também parece que a madeira da mesa estremece e palpita. Isso não é um efeito da imaginação, pois todas as pessoas que colocam as mãos sobre a mesa experimentam a mesma impressão, em graus diferentes, conforme sejam mais ou menos nervosas e sensíveis.

Esses fenômenos devem ser atribuídos ao incômodo que os espíritos sentem por não poderem se manifestar de outra forma. É de certa forma o paroxismo de suas descargas fluídicas. É assim que um Espírito insatisfeito ao lidar com um médium escritor expressa sua insatisfação rasgando o papel, quebrando as pontas dos lápis, causando às vezes dores mais ou menos fortes no médium.

Devemos distinguir dois tipos de tiptologias: 1º aquela onde usa um pequeno número de sinais convencionais; 2º a tiptologia fonética ou alfabética que substitui a escrita. Este último é criticado por ser uma forma lenta, difícil, enfadonha e cansativa de se corresponder com os Espíritos. Este inconveniente pode ser consideravelmente reduzido, podendo num grande número de casos praticar-se vantajosamente a tiptologia por sinais convencionais. Usando este método habilmente praticado, será fácil para você ter conversas com os espíritos muito mais rápidos do que por escrito. Convém, para isso, preparar previamente suas perguntas e por escrito, boa precaução a ser tomada em todos os casos, e que os Espíritos nos recomendam. Às perguntas adicionamos as respostas oponíveis. O Espírito só tem que expressar ou a afirmação, ou a negação, ou a dúvida, ou o convite para deixar a questão de lado. Para essas diferentes respostas existem sinais convencionais que consistem em um ou

mais golpes desferidos ou indicados por uma ou mais rachaduras na mesa. Ou são balanços, ou a perna da mesa permanece levantada e imóvel. Este último sinal expressa hesitação, dúvida, ignorância ou um convite à abstinência.

O número desses sinais pode ser aumentado significativamente. A inclinação da mesa em direção a uma pessoa é uma saudação, um sinal de simpatia; a mesa apoiada nos joelhos, um aperto de mão; apertou um pouco mais forte, um beijo, um abraço. Lembro-me de uma mãe dizendo ao espírito de seu filho: Oh! Abrace-me forte como você me ama: a mesa de repente assumiu um peso insuportável. Essa mãe ficou feliz com esse abraço apaixonado, como se tivesse recebido um beijo de verdade.

O que constitui sobretudo a superioridade sobre a escrita da tiptologia por signos¹⁹ é a expressão variada, infinitamente nuançada, que assume a linguagem datilografada, uma linguagem que, como a voz humana, traduz perceptivelmente, às vezes com uma delicadeza primorosa, todas as emoções, todas as impressões do Espírito que se manifesta; pois os golpes podem ser fracos ou fortes, lentos ou rápidos, fluidos ou agudos, espasmódicos, suaves ou duros e secos, insignificantes, planos ou acentuados, fortes, regulares ou irregulares, com graus intermediários entre esses extremos. Os signos compostos por três traços são passíveis de combinações e podem dar origem a um alfabeto convencional. Em suma, há na acentuação traços de nuances que escapam à definição, mas que um ouvido experiente pode captar. Assim como um cego reconhece uma pessoa pelo som de seus passos, pelo toque de sua mão, o praticante da tiptologia adquire uma sutileza de percepção que lhe permite distinguir os Espíritos uns dos outros e ter certeza de sua identidade apenas pelo acento de suas batidas. Não devemos confiar nos sinais pessoais que um Espírito enganador pode imitar; mas ele não poderia fazê-lo exatamente com o mesmo sotaque.

Será objetado que com a tiptologia por signos, o Espírito não pode tomar a iniciativa e abordar um assunto imprevisto. Como se sente envergonhado por tão pouco! Por que não aceitar um sinal para tal caso? O Espírito só tem que anunciar a nova pergunta usando a tiptologia alfabética. Existem várias maneiras de simplificá-lo. Aqui está um que eu recomendo. Tenha uma placa em forma de diamante, os ângulos obtusos de luto arredondados, largos o suficiente para caber duas mãos sobre ela. Uma das pontas agudas será fixada em uma mesa por meio de dois pítons cruzados, a curta distância da borda

¹⁹ Jean Dacier, tocada no Théâtre-Français, obtida por Charles Lomon como médium e por meio da escrita.

onde o médium ficará de pé e de forma a girar facilmente da direita para a esquerda, e vice-versa. Sob a prancheta iremos fixar um rolo para reduzir a fadiga do atrito na mesa. Na extremidade oposta ao meio, a prancheta terá uma ponta ou agulha. Oposto estará um mostrador semicircular, contendo todas as letras do alfabeto, as vogais no meio, as consoantes à direita e à esquerda, em ordem do centro da frequência de seu uso.

Com este sistema, a mente pode facilmente e rapidamente levar a agulha sucessivamente a cada letra da palavra que deseja expressar. Se o médium estiver sozinho, terá apenas uma das mãos no quadro e com a outra escreverá as letras conforme forem indicadas.

Este processo terá a vantagem sobre o cesto de não obrigar o próprio Espírito a traçar os caracteres, o que, por outro lado, requer uma faculdade mediúnica bastante rara. Vamos admitir que o Espírito não pode mover o tabuleiro: o médium se encarregará disso, e o Espírito golpeará cada vez que a agulha estiver diante da letra desejada.

Note-se que, com a tiptologia alfabética, recorreremos às abreviaturas: quase sempre é fácil adivinhar o fim de uma palavra iniciada, de uma frase no seu início: o Espírito só tem de afirmar ou negar, consoante tenhamos adivinhado bem ou mal.

A enumeração dos serviços já prestados pela tiptologia seria longa e incluiria dados importantes. É a ela que devemos as notáveis poesias do espírito batedor de Carcassonne. Os Espíritos têm sido repreendidos por muitas vezes darem apenas uma prosa medíocre. O espírito batedor por uma fábula em verso ganhou o prêmio nos jogos florais de Toulouse.²⁰

²⁰ Ver a *Revista Espírita* do Ano de 1863 [página 55 do ebook disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=98> — N. T.]



expediente-on-line
blog do W Garcia